

JUCEILA MARIA RODRIGUES LIMA

**BULLYING RACIAL NAS ESCOLAS: A IMPORTÂNCIA DE
IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICAS SOCIAIS COMO
FORMA DA PREVENÇÃO NO COMBATE AO BULLYING**

Orientadora: Professora Doutora Hélia A. de Magalhães C. Bracons Carneiro

Universidade Lusófona

Centro Universitário de Lisboa

Instituto de Serviço Social

Lisboa

2023

JUCEILA MARIA RODRIGUES LIMA

**BULLYING RACIAL NAS ESCOLAS: A IMPORTÂNCIA DE
IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICAS SOCIAIS COMO
FORMA DA PREVENÇÃO NO COMBATE AO BULLYING**

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 22 de fevereiro de 2023, perante o júri nomeado pelo Despacho de nomeação de Júri nº336/2022, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Doutora Fátima Gameiro
Arguente: Prof.^a Doutora Ana Paula Garcia
Orientadora: Prof.^a Doutora Hélia Augusta de Magalhães Correia Bracons Carneiro

Universidade Lusófona

Centro Universitário de Lisboa

Instituto de Serviço Social

Lisboa

2023

“você quer ser um pai e uma mãe brilhante? Tenha coragem de falar sobre os dias mais triste da vida com os seus filhos. Tenha ousadia de contar sobre as dificuldades do passado. Fale das suas aventuras, dos seus sonhos e dos momentos mais alegres de sua existência. Humaniza-se. Transforme a relação com seus filhos numa aventura. Tenha a consciência que educar é penetrar um no mundo do outro” (Cury, 2003, p.22).

Dedicatória

Dedico este trabalho as pessoas mais importantes da minha vida:

minha querida mãe e o meu falecido pai

Agradecimentos

Com a aproximação do final do mestrado, quero agradecer primeiramente ao meu criador, senhor Jesus Cristo, à minha mãe por ser o meu maior alicerce, que me fez crescer enquanto ser humano, por me apoiar e acompanhar durante estes anos todos.

Agradeço à Professora Doutora Hélia Bracons Carneiro, por ser sido paciente, tolerante, pelas indicações que foi dando no decorrer do trabalho de investigação. Obrigado por apoiar-me, aconselhar-me e ajudar-me a manter-me firme para continuar a lutar por aquilo que quero e acredito.

Ainda agradeço à Universidade Lusófona e a todos os docentes que fizeram parte da minha trajetória académica, em particular a professora Fátima Gameiro, pelas indicações que foi dando no decorrer do trabalho.

A minha família, os meus amigos, e aos meus patrões, agradeço a compreensão, confiança, motivação e palavras de apoio e solidariedade para enfrentar todos os desafios que apareceram, e um agradecimento especial ao presidente da academia do Jonhson que faleceu a pouco tempo.

Um agradecimento e reconhecimento especial aos participantes deste estudo que com amabilidade partilharam as suas experiências de vida, permitindo que este trabalho de investigação chegasse a bom porto.

A todos os que contribuíram para a concretização e conquista de mais uma etapa deste percurso onde só prevalece as palavras fé, persistência, determinação e superação, o meu muito obrigado!

Todos são co-autores deste trabalho.

Resumo

A presente dissertação procurou explorar a problemática do bullying racial nas escolas entre os pares. Pretende-se contribuir para uma tomada de consciência coletiva desta problemática e propor soluções que só se tornarão realidade, se formos capazes de transmitir às crianças e adolescentes, o respeito e a tolerância para com os outros. As estatísticas revelam um aumento dos casos do bullying em Portugal.

À problemática consiste em identificar os fatores que podem facilitar a ocorrência de comportamentos racistas, em casos afirmativos deve-se ter conhecimento dos intervenientes pretendendo solucionar o problema e sobretudo, apoiar as crianças e adolescentes que são vítimas deste tipo de situações. Neste campo, não será demais lembrar que apenas a educação pode mudar valores, contribuindo para a valorização da diversidade e para a construção de respeito recíproco entre os alunos.

Tendo em conta a problemática acima referida, e como forma de orientar a investigação realizada, recorreu-se a um objetivo, saber qual a implicação que o bullying racial tem no percurso escolar e no desenvolvimento dos alunos.

Trata-se de um estudo transversal e a amostra é composta por 54 alunos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 8 aos 14 anos de idade, que frequentam o primeiro, segundo e terceiro ciclo, e foi realizado, na Associação de Academia do Jonhson, onde foi constatado que, uma grande maioria dos alunos é de etnia africana e afrodescendente.

O trabalho desenvolveu-se através de uma metodologia mista “quantitativa e qualitativa” e os instrumentos de recolha de dados foram recolhidos através de um questionário aplicado aos alunos e à aplicação de entrevistas semi-estruturadas a um grupo restrito de funcionários, analisando os dados através da análise do conteúdo. Para uma maior compreensão da temática recorreu-se a uma revisão da literatura em trabalhos científicos, artigos especializados, pesquisas académicas realizadas na Internet, analisou-se estudos que privilegiaram a reflexão sobre o impacto do bullying racial nos alunos em contexto escolar.

A violência é um comportamento anti-social, cujas repercussões têm aumentado, sobretudo nas comunidades mais jovens e entre pares, manifestando-se através de comportamentos desajustados, com a pretensão de magoar, maltratar, humilhar ou causar dano a alguém física ou psicologicamente.

Palavras-chave: Bullying Racial; Escola; Serviço Social; Práticas Sociais.

Summary

This dissertation sought to explore the problem of racial bullying in schools among peers. It is intended to contribute to a collective awareness of this problem and to propose solutions that will only become reality if we are capable of transmitting respect and tolerance towards others to children and adolescents. Statistics reveal an increase in cases of bullying in Portugal.

The problem consists of identifying the factors that can facilitate the occurrence of racist behavior, if so, one must be aware of the actors intending to solve the problem and, above all, support children and adolescents who are victims of this type of situation. In this field, it is important to remember that only education can change values, contributing to valuing diversity and building mutual respect among students.

Taking into account the aforementioned problem, and as a way of guiding the investigation carried out, an objective was resorted to, to know the implication that racial bullying has on the school career and on the development of students.

This is a cross-sectional study and the sample is made up of 54 students of both sexes, aged between 8 and 14 years old, who attend the first, second and third cycle, and it was carried out at Association academy of Johnson, where it was found that a large majority of students are of African and Afro-descendant ethnicity.

The work was developed through a mixed methodology "quantitative and qualitative" and the data collection instruments were collected through a questionnaire applied to the students and the application of semi-structured interviews to a restricted group of employees, analyzing the data through of content analysis. For a better understanding of the subject, a review of the literature was carried out in scientific works, specialized articles, academic research carried out on the Internet, studies were analyzed that focused on reflection on the impact of racial bullying on students in the school context.

Violence is an antisocial behavior, whose repercussions have increased, especially in younger communities and among peers, manifesting itself through inappropriate behavior, with the intention of hurting, mistreating, humiliating or causing harm to someone physically or psychologically.

Keywords: Racial Bullying, School; Social Work and Social Practices.

Índice das siglas

ACM	Alto Comissariado para a Migração
APAV	Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
BVE	Bullying e Violência nas Escolas
CICDR	Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial
CPCJ	Comissão de Proteção de Crianças e Jovens
EPAV	Equipas de Proximidade e de Apoio a vítima
EPES	Equipas do programa Escola Segura
GNR	Guarda Nacional Republicana
MP	Ministério da Educação
MP	Ministério da Saúde
MP	Ministério público
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPC	Órgãos de Polícia Criminal
PES	Programa Escola Segura
PJ	Polícia Judiciária
PSP	Polícia de Segurança Pública
S.S	Segurança Social
SEF	Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
TEIP	Programa dos territórios Educativos de Intervenção Prioritário.
UAVMD	Unidade de Apoio à Vítima Migrante e Discriminação

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

UNICEF Fundo das Nações Unidas para a Infância

Índice

Introdução	16
Capítulo I – Objeto e Metodologia da Investigação	18
1.1 Apresentação e Justificação da Temática.....	18
1.2 Definição da Pergunta de Partida.....	19
Objetivos:	20
1.3.1 Objetivo Geral:.....	20
1.3.2 Objetivos específicos:	20
1.4. Metodologia da Investigação	21
1.4.1 Técnica de recolha de informação.....	23
1.4.1.1 Entrevista.....	24
1.4.1.2 Questionário	26
Capítulo II - Enquadramento Teórico.....	28
2.1 Conceito de Bullying Racial	29
1.2. Conceito de Racismo.....	33
2.3 Tipos De Bullying	36
2.4 Os efeitos do bullying	38
2. 5 Bullying Racial no Contexto Escolar	39
2.5.1 A vítima de bullying.....	42
2.5.2 O agressor.....	42
2.5.3 As testemunhas.....	43
2.6. A Vitimização entre Pares.....	43
2.7. Medidas de prevenção e indicadores no combate ao Bullying racial nas escolas	45
2.8 O Serviço Social e o papel do assistente social na implementação das práticas sociais nas Escolas.....	51
2.9. O papel que a escola pode desempenhar na prevenção do bullying.....	55

Capítulo III – Apresentação, análise e discussão dos resultados	57
3. 1 Caraterização da instituição	57
3.2. Caraterização da População Alvo e Amostra	58
3.3. Análise e Discussão dos Resultados.....	61
3.3.1. Análise de Dados.....	61
3.4 Conceito, causas consequências do bullying.....	72
3.5 Analise das entrevistas	73
4. Estratégias de Intervenção da Escola e do Assistente Social	76
Considerações Finais	78
Recomendações	81
Apêndices.....	I
Apêndice I - GUIÃO	I
Apêndice II - Entrevista sobre o Bullying Racial nas Escolas: a Importância de Implementação de Práticas Sociais como forma de Prevenção	VII
Apêndice III - transcrição da entrevista sobre o Bullying Racial nas Escolas: a Importância de Implementação de Práticas Sociais como forma de Prevenção Entrevistado: Presidente:.....	IX
Apêndice IV – Grelha de Análise de Conteúdo	XIII
Apêndice V - transcrição da entrevista sobre o Bullying Racial nas Escolas: a Importância de Implementação de Práticas Sociais como forma de Prevenção Entrevistado: Gestora da IPSSXVII	
Apêndice VII - Transcrição da entrevista sobre o Bullying Racial nas Escolas: a Importância de Implementação de Práticas Sociais como forma de Prevenção	Entrevista
.....	XXII
Apêndice VIII – Grelha de Análise de Conteúdos	XXIV
Apêndice IX- Transcrição da Entrevista sobre o Bullying Racial nas Escolas: a Importância de Implementação de Práticas Sociais como forma de Prevenção Entrevista	XXVII
Anexos.....	XXIX
Anexo I- História da Associação.....	XXIX
Anexo II – Objetivos e caraterização da Academia Johson	XXXI

Anexo III – Foto da “família” existente na Academia JohnsonXXXV

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Género dos participantes	58
Gráfico 2 - Idade dos participantes	59
Gráfico 3 - Naturalidade dos participantes	59
Gráfico 4 - Agregado familiar dos participantes	60
Gráfico 5 - Encarregado de Educação na escola dos participantes	60
Gráfico 6 - Convivência com os colegas	62
Gráfico 7 - Conflitos na escola	63
Gráfico 8 - Conflitos na turma.....	63
Gráfico 9 - Conhecimento de agressões na escola	64
Gráfico 10 - Vitima de Bullying por causa da cor da pele	64
Gráfico 11 - Tipos de Bullying que se sofre na escola.....	65
Gráfico 12 - Frequência dos episódios de Bullying	65
Gráfico 13 - Estado de espírito de quem é vítima de Bullying.....	66
Gráfico 14 - A quem foram comunicados os episódios de Bullying.....	66
Gráfico 15 - Onde é praticado os episódios do Bullying.....	67
Gráfico 16 - Influência do Bullying no aproveitamento escolar	67
Gráfico 17 - Desistência da escola	68
Gráfico 18 - Relação com os outros colegas	68
Gráfico 19 - Apoio dos colegas	69
Gráfico 20 - Praticantes do Bullying	69
Gráfico 21 - Tipos de vítimas.....	70

Gráfico 22 - Razão do Bullying.....	70
Gráfico 23 - Capacidade da Escola lidar com episódios de Bullying	71

Índice de Quadros

Quadro 1 - Os tipos de Bullying e suas características.....	37
Quadro 2 - Sinais e sintomas possíveis de serem observados em alunos alvos de Bullyin.	39
Quadro 3 - Atitudes a serem tomadas para prevenção e combate ao Bullying Escolar	50

Introdução

Verificamos que o fenómeno do bullying em contexto escolar é um tema relevante, atual e muito difundido pelos meios de comunicação social, pelas redes sociais, porém poucas pessoas conhecem verdadeiramente o problema e sabem lidar com ele, fenómeno este que assombra alunos, professores e encarregados de educação.

Esta investigação foca essencialmente na problemática do bullying racial nas escolas, trata-se de um problema mundial, sendo um fenómeno existente em toda e qualquer escola e em todos os ciclos de formação diferenciados, pública, privada, rural, urbana, em qualquer país. Como futura assistente social, esta temática atinge de forma direta o Serviço Social, pois ocorre no contexto social de cada família envolvida e na convivência escolar entre pares e profissionais. Logo a relevância do estudo do tema no Serviço Social, é verificada com o olhar analisador da mediação de conflitos da realidade social, e do problema social envolvido, de forma a intervir nesta realidade a fim de tentar amenizar ou resolver o problema do bullying. Todos nós já assistimos ao longo da vida vários casos de bullying, quer seja nas escolas, nos parques, etc. Este tipo de agressão traduz-se numa vida de medo, de receios, por isso, torna-se tão premente dar a conhecer situações destas, quer seja em casa, às autoridades e até as assistentes sociais.

O presente trabalho tem como objetivo compreender se o bullying racial afeta o percurso escolar e o desenvolvimento dos alunos. Para tal, colocamos a seguinte questão, que se assume como a problemática de investigação: De que modo o bullying racial afeta o percurso e o desenvolvimento escolar dos alunos?

Optámos pela metodologia de investigação mista (quantitativa e qualitativa) uma vez que a recolha de dados foi feita a partir de questionários aplicados aos alunos do primeiro, segundo e terceiro ciclo e foram efetuadas entrevistas semi-estruturadas aos funcionários da Associação.

Diante deste problema social pretende-se como objetivo de conhecimento perceber como o bullying altera a vida escolar das vítimas e como se sentem no seu quotidiano enquanto vítimas de violência e como essa vivência afeta a sua produtividade escolar. Inicialmente pretendeu-se obter os dados através das vítimas e dos técnicos, porém esta situação tornou-se difícil devido ao surgimento da pandemia e das medidas de segurança

aplicada pela Direção Geral de Saúde, dando assim continuidade a esta investigação com a recolha de dados, não numa escola propriamente dita, mas sim numa associação que ajuda jovens, localizada num bairro designado de problemático.

O trabalho está estruturado em 3 capítulos que estão subdivididos da seguinte forma: no Capítulo I define-se o problema, o objetivo geral e indicam-se os objetivos específicos como fio condutor da investigação. Neste capítulo abordamos ainda as metodologias utilizadas, tais como: a entrevista semiestruturada, os instrumentos e procedimentos aplicados, a caracterização da população alvo e amostra e a justificação do trabalho. Este capítulo apresenta também a revisão da literatura, faz-se a apresentação teórica dos conceitos fundamentais com a finalidade de compreender melhor a problemática sobre o bullying racial ou étnicas nas escolas, tal como a metodologia que se ira usar na investigação.

O Capítulo II apresenta a contextualização dos fenómenos e suas implicações para com a sociedade, sendo assim será abordados os conceito do bullying, do racismo, o bullying racial e diferenças, as tipologias de bullying, o bullying e a discriminação racial no contexto escolar, as medidas de prevenção no combate ao bullying racial em seguida o serviço social, mas concretamente o papel dos Assistentes sociais na implementação das práticas sociais nas escolas. São apresentadas as metodologias utilizadas, o questionário, o instrumento, o procedimento aplicado e a caracterização da população alvo e amostra.

No Capítulo III são apresentados os resultados obtidos e as reflexões sobre a investigação. São expostos os dados dos questionários aplicados aos alunos, a apresentação dos resultados e a discussão dos mesmos.

Finalizaremos este trabalho com as considerações finais, falando sobre a importância e a relevância da dissertação e do que foi apurado com o estudo.

Capítulo I – Objeto e Metodologia da Investigação

Neste capítulo serão apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos, bem como a metodologia de investigação, o universo/população e amostra, os instrumentos e procedimento e a justificação da investigação.

1.1 Apresentação e Justificação da Temática

O tema da investigação é motivante, pretendeu-se realizar um trabalho que leve à reflexão aprofundada sobre as relações raciais no interior da escola portuguesa procurando ir além das constatações e da sua prevenção para intervir, no sentido de tornar a escola num local mais agradável, acolhedor e seguro, como uma “segunda casa”. A escola é tida como o local onde os alunos passam a maior parte do seu tempo. Pretende-se contribuir para conhecer o modo como a escola enquanto organização concreta, enfrenta no quotidiano o problema da violência e do bullying, possa vir a delinear programas de sensibilização e intervenção, visando um ambiente escolar tranquilo, confiante e harmonioso onde a formação individual e social dos jovens seja a pedra basilar.

É uma problemática que se tem intensificado nas escolas dos últimos anos e tem abalado a formação individual e social dos nossos jovens, que pretendemos analisar e compreender a complexa temática do bullying racial nas escolas. Este tema tornou-se interessante devido a ser um assunto atual, um fenómeno social, complexo e multifacetado que tem despertado um interesse e uma preocupação geral, quer no meio educativo e na investigação em educação, quer por parte da opinião pública e da comunicação social.

Segundo o relatório *An Everyday Lesson: ENDviolence in Schools*” enumera as várias formas de violência que os alunos enfrentam no interior e no exterior da sala de aulas. Segundo os últimos dados: globalmente, pouco mais de 1 em cada 3 alunos entre os 13 e os 15 anos sofre de bullying, e uma proporção sensivelmente igual está envolvida em confrontos físicos; 3 em cada 10 alunos em 39 países na Europa e América do Norte admitem ter praticado bullying contra seus pares.

Segundo a publicação da UNICEF (2018), uma lição diária: *“Pôr Fim à Violência nas escolas”*, salienta que a violência entre pares é uma componente perversa da educação

dos jovens de todo o mundo, tendo impacto na aprendizagem e no bem-estar tanto nos países ricos, como nos pobres. Em Portugal 38% dos adolescentes com idades entre os 13 e os 15 anos reportaram ter sofrido bullying na escola nos meses anteriores; 31% dos adolescentes entre os 11 e 15 anos relataram praticar bullying contra pares na escola pelo menos uma vez nos últimos dois meses; quase metade 46% dos jovens portugueses (entre os 13 e os 15 anos) afirma ter sofrido ou ter estado envolvidos em situações de *bullying* no ano anterior (UNICEF, 2018).

Diz-nos o artigo 19 da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças toma claro que as crianças têm o direito fundamental de se sentirem seguras na escola, o que figura como base indispensável para a aprendizagem. Mais de duas décadas de pesquisa sobre o bullying nas escolas servem para identificar este fenómeno como um problema das sociedades à escala mundial, que perturba o desenvolvimento psicológico e físico dos alunos, logo com consequências negativas sobre a aprendizagem, pelo que se revela inquestionável a necessidade de intervir a nível local, nacional e internacional, o que diversos países na Europa já assumiram. Para se alcançar uma resposta global com verdadeiro impacto, todos os Estados deviam desenvolver uma estratégia nacional de prevenção e combate ao bullying, por forma a promover uma sociedade não violenta, contribuindo assim para que as escolas se tomem locais mais seguros e saudáveis (Fonseca, 2007, p. 8).

1.2 Definição da Pergunta de Partida

Uma investigação envolve sempre uma problemática que deve ser dada a conhecer pelo investigador. O problema tem a importante função de focalizar a atenção do investigador para o fenómeno em análise, desempenhando o papel de guia na investigação.

A identificação de um problema que dá origem à investigação é um ponto fundamental da investigação, definir aquilo que se pretende estudar (Grawitz, 1986). O problema que se pretende estudar tem, pois, como tema o bullying racial nas escolas.

Esta investigação teve como alvo de estudo a Academia do Johnson; mostrando ser difícil conseguir uma resposta positiva de várias escolas para se poder desenvolver esta investigação.

A Academia do Johnson, apoia crianças e jovens de várias idades e de diversas etnias em idade escolar, tal como apoia os mesmos na integração na sociedade bem como ajuda-os a combater qualquer tipo de exclusão social no qual se insere o bullying racial.

Enquanto investigadora, para responder esta questão, o campo de investigação me dará a oportunidade de compreender melhor a realidade dos alunos vítimas do bullying

racial no contexto escolar. Pretende-se compreender as perceções da equipa técnica da Academia do Jonhson, para inteirar das estratégias implementadas como forma de prevenção.

Relativamente à questão de investigação, ela consiste em “um enunciado explicitado de forma clara, compreensível e operacional, cujo melhor modo de solução ou é uma pesquisa ou pode ser resolvido por meio de processos científicos” (Prodanov e Freitas, 2013, p. 122).

Segundo Quivy & Campenhaut (1998, pp. 36-38) consideram que uma boa pergunta de partida deve ser clara, unívoca e concisa para que possa ser compreendida sem dificuldades. Acrescenta ainda que, uma boa pergunta de partida deve ser realista, isto é adequada aos recursos pessoais, materiais e técnicos. Neste sentido, surge a seguinte pergunta de investigação que irá orientar os objetivos do projeto de investigação:

- De que modo o bullying racial afeta o percurso e o desenvolvimento escolar dos estudantes, na perspetiva dos estudantes e/ou agentes educativos?

Objetivos:

1.3.1 Objetivo Geral:

1 - Compreender se o bullying racial afeta o percurso escolar e o desenvolvimento dos alunos.

1.3.2 Objetivos específicos:

- Conhecer o desempenho académico dos alunos que foram vítimas de bullying racial;
- Conhecer a capacidade de relacionamento dos alunos que foram vítimas de bullying racial com as figuras de autoridade escolar;
- Conhecer a capacidade de relacionamento dos alunos que foram vítimas de bullying racial com os pares;
- Identificar se os alunos que foram vítimas de bullying racial tem apoio a nível psicológico e social;
- Conhecer a perceção dos alunos que foram vítimas de bullying racial em relação a

dinâmica familiar.

Segundo Quivy & Campenhaut (1998, pp. 50) “Acréscita que uma investigação realizada com rigor e cuja problemática é construída com inventividade, evidencia os desafios éticos e normativos dos fenómenos estudados, de maneira análoga aos trabalhos dos biólogos, que podem revelar desafios ecológicos. Deste modo, a investigação social cumpre o seu verdadeiro papel e o conhecimento por ela produzido pode inscrever-se no processo mais englobante de um verdadeiro pensamento”.

Os autores definem simplesmente o problema de investigação como “a abordagem ou perspectiva teórica que decidimos adotar para tratarmos o problema formulado pela questão de partida”. “Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica”(Quivy & Campenhaut, 1998, pp. 89-106).

1.4. Metodologia da Investigação

Segundo Coutinho, “A investigação é uma atividade de natureza cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objetivo de indagação e que contribui para explicar e compreender os fenómenos sociais. É através da investigação que se reflete e surgem os problemas nascidos na prática, que suscitam o debate e se edificam as ideias inovadoras” (2013, p. 7).

A metodologia “é a aplicação de um conjunto de procedimentos e técnicas que devem ser observados para a construção do conhecimento e saberes, a fim de comprovar a sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade, nomeadamente na investigação e produção científica” (Prodanov e Freitas, 2013, p. 14).

Para Bisquerra (1989), os métodos de investigação constituem o caminho para chegar ao conhecimento científico, (sendo) o conjunto de procedimentos que servem de instrumentos para alcançar os fins da investigação enquanto as técnicas, seguindo o pensamento do mesmo autor são “procedimentos de atuação” concretos e particulares, “meios auxiliares” do método, porque dentro de um método, que é sempre mais geral, podem utilizar-se diversas técnicas. De acordo com a opinião do autor citado, o método é o

caminho e as técnicas o modo de percorrê-lo (Bisquerra, 1989, p. 55).

A “metodologia” preocupa -se com as técnicas e princípios que designarei por métodos. Os métodos são técnicos suficientemente gerais para serem comuns às diferentes ciências ou a uma parte significativas delas (...) Incluem procedimentos como formar conceitos e hipóteses, fazer observações e medidas, descrever protocolos experimentais, construir modelos e teorias (...). A metodologia, por seu lado, procura descrever e analisar os métodos, alertar para os seus limites e recursos, clarificar os seus pressupostos e consequências, relatar as suas potencialidades nas zonas obscuras das fronteiras do conhecimento. (...) Convida (a metodologia) a uma especulação sobre a ciência e o sentido prático da filosofia. Em suma, o objetivo da metodologia é ajudar-nos a compreender, no sentido mais amplo do termo, não o resultado de método científico, mas o próprio processo em si.

O presente estudo é de natureza transversal, de características exploratórias e descritivas. Foi adotada uma metodologia mista, articulando abordagens de tipo quantitativo e qualitativo, dado que muitos autores recomendam a combinação de mais de um método no estudo do mesmo fenómeno para se obter complementaridade e apurar melhor os resultados (Bums, 2000 e Patton, 2000 cit. in Paiva, 2008; 2012).

Inicialmente optou-se por uma metodologia quantitativa, porque iríamos aplicar apenas o questionário às crianças e aos jovens da Academia do Jonhson, mas no decorrer da recolha de informação viu-se a necessidade de recorrer à aplicação de entrevista semiestruturada, aos monitores e ao presidente da Instituição no sentido de dar mais credibilidade e conhecimento aprofundado ao estudo. Segundo Teddlie e Tashakorri (2009) consideram que a principal razão que leva um investigador a uma abordagem mista deve ser sempre a de proporcionar uma melhor compreensão do fenómeno, que está sob investigação, colocando de lado a ideia de confronto paradigmática e apostando na complementaridade metodológica na implementação da investigação no campo empírico.

Reichardt e Cook (1979) referem a possibilidade de uma combinação de métodos quantitativos e qualitativos, afirmando que um investigador para melhor resolver um problema de pesquisa não tem que aderir rigidamente a um dos dois paradigmas tradicionais, podendo adotar uma combinação dos atributos de cada um deles, com recurso a métodos de cariz quantitativos e qualitativos. Alertam, no entanto, para os desafios que a utilização conjunta dos dois referenciais coloca, já que as implicações são de natureza teórica, uma vez que ambos partam de bases ou pressuposto diferentes acerca da realidade social e da própria natureza da realidade de onde os dados são recolhidos.

Como referido, a metodologia utilizada neste estudo é de natureza quantitativa e qualitativa, sendo que a metodologia quantitativa permite analisar os dados numéricos através de procedimentos estatísticos. Na perspectiva de Flick, ao nível da investigação quantitativa: “As situações em que os fenómenos e as relações estudadas ocorrem são controladas até ao limite do possível, a fim de determinar com o máximo de clareza as relações causais a sua validade (...) os estudos são desenhados por forma a excluir, na medida do possível, a influência do investigador” (Flick, 1998:3). Na investigação quantitativa o propósito é fazer descrições objetivas de um fenómeno (estudos descritivos) ou determinar se esses fenómenos podem ser controlados através de determinadas intervenções (estudos experimentais).

Seguindo ensinamentos de Richardson (1989), este método caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas através de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas.

1.4.1 Técnica de recolha de informação

As técnicas de recolha de dados em que a informação é obtida inquirindo os sujeitos podem ser agrupados sob a designação geral de técnicas de inquirição ou questionário (Ghiglione& Matalon, 1997).

Foram elaborados e aplicados questionários para as crianças e jovens, bem como efectuadas as entrevistas aos funcionários da Instituição. Recorre-se a este tipo de instrumento quando queremos inquirir um grande número de pessoas, no sentido de caracterizar os traços identificadores de grandes grupos de sujeitos, devendo para o efeito ser constituídas amostras probabilísticas e por isso associamos estes instrumentos planos de investigação de cariz quantitativo quer seja na entrevista como no questionário (Coutinho, 2013, p. 139).

Iniciou-se com a apresentação da importância da pesquisa, do carácter confidencial das respostas, orientações para o preenchimento das questões e agradecimento da colaboração dos inquiridos. De seguida deu-se início às questões para a recolha de informação sobre dados demográficos das crianças e jovens que participaram do inquérito, bem como as questões sobre a problemática do bullying racial na escola (conflitos). O

inquérito apresentado no estudo, termina com as questões sobre as dificuldades das vítimas do bullying e a opinião dos mesmos em relação aos casos atuais de bullying racial nas escolas.

1.4.1.1 Entrevista

Tendo em consideração que o percurso metodológico de qualquer investigação é sustentado pela natureza do estudo, a opção tomada para o presente estudo incidiu, também, numa abordagem de caráter qualitativo direcionada para a interpretação das lógicas inerentes aos atores sociais em causa – os monitores e ao Presidente da Academia do Johnson – procedendo-se à recolha de informação qualitativa através da entrevista semi-estruturada. Após aplicar o questionário às crianças e aos jovens da Academia do Johnson, foram abordados também os monitores que prontamente aceitaram fazer parte do estudo, tendo-se clarificado de forma rigorosa o projeto de trabalho, que se pretendia complementar, tendo sido salvaguardadas as garantias do anonimato e da confidencialidade.

Este tipo de investigação mostra-nos as respostas às questões de partida, mas sim, que nos faz compreender comportamentos através da perspectiva do sujeito de investigação. Conforme afirmam Bogdan & Biklen (1994, p. 48) “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto, tendo em conta que as abordagens qualitativas têm o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento”. Segundo Pais (2002), os métodos qualitativos devem eles próprios ser tomados como caminhos para a descoberta de teorias, através dos dados e da observação, e não apenas através de teorias existentes. Os métodos qualitativos possibilitam-nos ficar mais próximo da recolha dos dados, desenvolvendo de forma intuitiva, como os participantes entrevistados compreendem determinadas situações que ocorrem à sua volta.

“Para este género de investigação, os objetivos não atendem à produção de teorias explicativas e generalizáveis, sendo que a preocupação central não é a de saber se os resultados são suscetíveis de generalização, mas sim a de que outros contextos e sujeitos a eles podem ser generalizados” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 66).

A pesquisa foi realizada de forma qualitativa, que pode ser entendida sendo “um

processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação” (Oliveira, 2001, p. 37). Neste sentido, Bogdan & Biklen (1994, p. 73), descrevem como os investigadores qualitativos utilizam a recolha de dados, “consiste nas seguintes técnicas: observação, observação participante, entrevista com os participantes e inventariação dos documentos”.

Para a realização do estudo empírico, na sua vertente qualitativa foi usada a entrevista semi-estruturada. Na reflexão de Bogdan & Biklen (1994, p. 34), a entrevista é utilizada para “obtenção de dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo”.

Tendo em conta que o objetivo geral deste estudo é compreender se o bullying racial afeta o percurso e o desenvolvimento escolar do aluno, nada mais concreto que entrevistar alunos e professores e técnicos que trabalhem com crianças para que possam dar conhecimento dessas situações. Verificou-se importante a realização de entrevistas, a cada técnico/a no sentido de que a partir das suas falas e perspetivas, foi possível obter informação que nos permitiu alcançar o objetivo do estudo.

A eficácia na entrevista está relacionada também com a relação de empatia que o investigador consegue criar durante a entrevista com os participantes, revelando-se como um escudo. Assim sendo, e tendo em conta a natureza e os objetivos do nosso estudo, recorreremos à entrevista semiestruturada para a recolha de informação junto dos técnicos, e os questionários junto das crianças e jovens da instituição.

Para a realização da entrevista foi elaborado um guião onde delineámos os objetivos do mesmo. O guião serviu-nos de apoio enquanto entrevistadora e permitiu que a entrevista decorresse com alguma flexibilidade, respeitando a autonomia das pessoas entrevistadas, o seu ritmo e organização discursiva.

O referido guião (apêndice I) com o tema “o Bullying Racial”, é composto por seis perguntas, porém antes de dar início à entrevista, foram informados todos os intervenientes qual os principais objetivos, bem como solicitar a sua colaboração, garantindo-lhe o anonimato e a confidencialidade das informações.

A entrevista possibilitou-nos recolher vários dados dos colaboradores, da

instituição e sobre a temática da investigação tais como: experiência profissional dos colaboradores, habilitações académicas, profissão, sexo e tempo de permanência na associação.

Por fim, de forma a garantir o anonimato das entrevistadas, foi atribuído um número de código de letras a cada participante – M1, M2, M3 e M4.

Para a análise das entrevistas recorreu-se à análise de conteúdo.

1.4.1.2 Questionário

A construção de um questionário é um processo muito complexo e consome muito tempo ao investigador, foi nesse sentido que tivemos o cuidado de respeitar algumas regras e seguir passos importantes para a construção do questionário.

Para a sua investigação, Olweus criou o chamado, o questionário do abusador, o qual continha uma serie de perguntas dirigidas a todos aqueles que integravam a comunidade escolar: alunos, professores e educadores. Com este questionário foi possível realizar pela primeira vez um estudo científico e empírico dos tipos de vítimas, o sexo, dos agressores, o tipo de agressão, a sua incidência consoante a idade, etc.

Este questionário foi adaptado pois o autor desde meados dos anos 70 passou a ter como objeto de interesse e de investigação o bullying.

Na primeira abordagem definimos de forma clara e inequívoca os objetivos que nos levaram a colocar determinadas questões aos inquiridos. Relembrando que o questionário poderia ser respondido meramente assinalando ou fazendo um círculo na melhor alternativa, outras requerem uma breve resposta escrita.

Antes de aplicar o questionário às crianças e aos jovens tivemos um encontro com o Presidente da Instituição e mais três monitores, no sentido de juntos ler e rever o questionário. O objetivo desse encontro foi esclarecer e perceber se o questionário era adequado para as crianças e os jovens. A recolha decorreu na própria Associação da Academia do Jonhson visto que era importante conhecer e saber o que os alunos sabiam sobre o tema em estudo. O primeiro contacto com os participantes deu-se através de uma atividade desportiva, onde fui convidada pelo Presidente para assistir e participar de uma corrida de atletismo entre as crianças e jovens da comunidade do Zambujal, com o intuito

de proporcionar um ambiente descontraído para essas crianças.

Tivemos a oportunidade de apresentar-me e explicar o motivo e a importância da contribuição de cada um deles para o estudo. O primeiro impacto não foi positivo apesar de já ter sido criado um ambiente de lazer entre os envolvidos, eles rejeitaram o questionário, porém a pedido do presidente da academia - o senhor Jonhson acabaram por aceitar e colaborar no estudo. Foi dado a conhecer através das palavras da pessoa que os ajudou a importância de dar-se a conhecer situações que ocorrem no dia a dia e o quanto é importante divulgar e dar conhecimento para que possam ser resolvidas e evitadas.

Mas levando em conta a pandemia covid 19, a recolha de dados foi organizada da seguinte forma: as crianças foram divididas em dois grupos e ficaram em salas separadas, sendo que umas das salas, as crianças foram acompanhadas com a supervisão das monitoras de serviço, responderam ao questionário de forma rápida e com muitos burrões. Na outra sala as crianças foram acompanhadas pela a investigadora, persistiu várias dúvidas no momento de preencher o questionário, houve algumas desistências, exatamente devido às dificuldades na leitura e na escrita.

É importante referir que os resultados serão tratados estatisticamente e analisados no âmbito do estudo em questão. No preenchimento do questionário, não houve estabelecido de tempo limite.

Capítulo II - Enquadramento Teórico

Neste capítulo iremos apresentar uma breve contextualização da problemática do bullying, aprofundar os conceitos e características relacionados ao bullying racial nas escolas, analisar as suas formas de manifestação e as suas consequências, apontando dados que reflectem a realidade, em diferentes contextos sociais e sobre as possibilidades de intervenção do serviço social, para a melhoria das relações no contexto escolar.

Atualmente, a sociedade tem aumentado, progressivamente, a sua preocupação pelo facto de as escolas aparecerem cada vez mais na comunicação social, não por questões de educação, mas sim, para dar a conhecer situações de violência entre alunos. Quando falamos do bullying não nos referimos ao facto de um aluno apenas se meter com outros. É um problema bem mais grave. Para se falar do bullying devem ocorrer uma série de circunstâncias. Que iremos abordar mais a frente.

O estudo do bullying tem origem nas investigações sobre a palavra mobbing (assediar, cercar) que surgiu no Norte da Europa, para designar a provocação e a intimidação entre os seres humanos. O termo foi utilizado pela primeira vez pelo etólogo Konrad Lorez em 1968, para designar “um ataque coletivo por um grupo de animais contra um animal de outra espécie que, normalmente, é maior e inimigo natural do grupo”. Esta definição limitaria o fenómeno a ações de grupo sem incluir agressões de indivíduo para indivíduo.

O bullying era visto como um problema menor entre jovens, dado que era associado ao normal desenvolvimento das crianças. Ainda que continuasse a ocorrer durante a adolescência, era encarado um mero problema de indisciplina. A indisciplina é suscetível de múltiplas interpretações. Segundo Gotzens (2003, p. 22) “a disciplina escolar não consiste em um receituário de propostas para enfrentar os problemas de comportamentos dos alunos, mas em um enfoque global da organização e da dinâmica do comportamento na escola e na sala de aula, coerente com os propósitos de ensino. [...] Para isso é preciso, sempre que possível, antecipar-se ao aparecimento de problemas e só em último caso reparar os que inevitavelmente tiverem surgido, seja por causa da própria situação de ensino, seja por fatores alheios à dinâmica escolar”.

Segundo Serrate (2009), na Escandinávia, o termo utilizava-se para denominar o fenómeno do bullying. A palavra inglesa mob associava-se a um grupo grande e anónimo

de pessoas que se dedicavam à intimidação da escola.

Em 1973, Dan Olweus deu início a um estudo sobre as características e os fatores que determinavam o comportamento bullying. Em 1978, Olweus definiu os termos anglo-saxónicos de bully (autor da ação, agressor) e bullying (ação de intimidar) (Serrate, 2009).

Na década de 90, aumentaram os estudos sobre o bullying, em virtude da violência crescente nos recreios escolares e da incidência de suicídios em idades cada vez mais jovens pela Europa. As pesquisas foram seguidas de campanhas no sentido de minimizar as taxas de violência ou, pelo menos, reduzir os seus efeitos, utilizando o modelo de Dan Olweus (Monteiro, 2012).

Em Portugal, o estudo do bullying escolar é recente, embora já existam alguns casos, que vieram a público nas redes sociais e chamou a atenção da comunicação social que fez questão de dar o seu conhecimento. Destacam-se casos e seminários como: o bullying nas escolas portuguesas de Suzana Fonseca Carvalhos, em 2009, Violência na escola: vítimas, provocadores e outros de Matos, M., & Carvalhosa, em 2001; projectos bullying – análise preliminar das situações de agressão em Ensino Básico de Pereira; B., Almeida, A., & Valente, L., em 1994, O bullying nas escolas portuguesas: análise das variáveis fundamentais para a identificação do problema, de Pereira, B. et al., em 1996, entre outros.

O reconhecimento de que a violência e outras formas de comportamento anti-social, nos jovens atingem níveis elevados, com consequências para a segurança da comunidade tem despertado a realização de diversas investigações sobre o tema.

Pode concluir-se que esta ação negativa intencionada e repetida coloca as vítimas em posições, de que dificilmente podem sair pelos seus próprios meios.

2.1 Conceito de Bullying Racial

A palavra bullying é de difícil tradução, pelo que frequentemente usam o termo original. Pode ser entendida como provocação, vitimação ou intimidação. Pereira, Almeida e Valente (1994, citados por Carvalhosa, Lima & Matos, (2001, p. 523) traduziram-na como agressividade ou violência.

Segundo Olweus (1993), existem comportamentos agressivos que não são considerados como bullying. Um comportamento de bullying tem a intenção de causar

danos físicos e/ou morais em uma ou mais crianças que consideram mais fracos ou incapazes de se defenderem. Ainda de acordo com Olweus (1999, p. 10), em sua definição de bullying considera que “um estudante está sendo vitimizado quando é exposto, repetidamente e por um tempo prolongado, a ações negativas por parte de um ou mais estudantes”.

O fenómeno bullying pode então definir-se como uma conduta agressiva de carácter repetitiva, intencional e prejudicial, dirigida por um indivíduo ou por um grupo de indivíduos contra outro, que não é capaz de defender-se a si mesmo, e que se desenrola em contexto escolar. A maior parte destes comportamentos ocorre afastada da supervisão dos adultos, e a vítima (geralmente mais fraca ou mais nova do que o agressor) sente-se frequentemente incapaz de se queixar ou descrever o que aconteceu, devido ao receio de represálias (Ramirez, 2001).

Na conceção de Constantini, (2004, p. 69), bullying é descrito como um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com a vítima predestinada. As brincadeiras saudáveis e divertidas tornam-se perversas a partir do momento que extrapolam o limite do respeito ao próximo, tais comportamentos acontecem na relação entre pares, sendo mais frequentes entre os estudantes e podem causar danos irreversíveis à vítima. Segundo Abramovay (2006, p. 16), bullying é um nome novo para uma das diversas violências que existem há muito tempo nas escolas, referente à intimidação do outro e à sua ridicularização, por meio do constrangimento e coação.

Em grande parte das abordagens, o bullying é descrito e caracterizado como tendo “vítimas”, “autores”, “testemunhas”. Além disso, são esquadrihadas propostas de ação contra essa violência nas escolas, por meio da mentalização dos alunos sobre o mal que causa, do ensino de valores morais e de programas em que o bullying deve ser denunciado para ser combatido.

A classificação dos envolvidos com bullying pode ser descrita de três maneiras. Aquele que pratica o bullying é denominado perpetrador, agressor, aquelas que sofrem o bullying são denominadas vítimas e por fim temos as testemunhas que assistem calados a tudo por poderem ser os próximos agredidos (Neto, 2005). O bullying, como anteriormente

referido é tido como um “comportamento ofensivo, aviltante, humilhante, que desmoraliza de maneira repetida, com ataques violentos, cruéis e maliciosos, sejam físicos, sejam psicológicos” (Chalita, 2008, p. 82).

O bullying é um fenómeno social que existe em determinado ambiente escolar que contradiz a função formativa porque gera uma sequência de episódios violentos entre os alunos. Pereira (2002, p. 31), “afirma que: [...] Bullying é uma forma séria de comportamento antissocial que, pela sua duração, pode prejudicar o desenvolvimento da criança, tanto imediatamente como em longo prazo, sendo contribuinte para o maior envolvimento dos “bullies ativos” e comportamentos criminais na vida adulta”.

Segundo Antunes e Zuin (2008), definem bullying como sendo um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, como chutar, empurrar, apelidar, discriminar e excluir, que ocorrem entre colegas sem motivação evidente, e repetidas vezes, sendo que um grupo de alunos ou um aluno com mais força vitimiza um outro que não consegue encontrar um modo eficiente para se defender. Tais comportamentos são usualmente voltados para grupos com características físicas, socioeconómicas, de etnia e orientação sexual, específicas”(Antunes e Zuin, 2008, p. 34).

Talvez não seja possível mencionar todos os efeitos que esse preconceito pode afetar a vítima no futuro. Pretende-se através desta investigação dar a conhecer reflexões relacionadas aos diversos preconceitos presentes na sociedade, relacionados às diferenças de raça, etnia, género e aos estereótipos que reforçam padrões de beleza.

O bullying encontra-se ligado ao preconceito, existem autores que enaltecem essa ligação tais como:

“Na verdade, o Bullying se aproxima do conceito de preconceito, principalmente quando se reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo, e sobre os indicativos da função psíquica para aqueles considerados como agressores. Essa proximidade leva à hipótese de que o que atualmente tem sido denominado Bullying é um fenómeno há muito conhecido pela humanidade, mas que ganhou nova nomeação pela ciência pragmática que se ilude ao tentar controlá-lo via classificação e aconselhamentos” (Zuin e Antunes; 2008, p. 36).

De acordo com Lins (2010), o bullying racial é um tipo de racismo onde o bullying de alguém se concentra na raça, etnia ou cultura. Dessa forma o bullying geralmente inicia-se com a recusa de aceitação de uma diferença que envolva raça, religião, condição económica, deficiência física, diferença de ordem psicológica ou sexual ou ligada a aspetos como força, coragem e mesmo habilidades desportivas ou intelectuais. Mas o que é ser o

diferente? Talvez só diferir da maioria não seja o suficiente. Pois o diferente pode ser tratado igualmente, porém na visão do agressor o diferente pode ser o seu próximo alvo. Pensar nas diferenças faz-se necessário.

Segundo Oliveira e Votre (2006, p. 175) “argumentam que a motivação para a prática do bullying advém justamente das diferenças, ou em outras palavras, daqueles que se diferem dos padrões socialmente valorizados”.

Em suma, enquanto mestrandas considero que é urgente eliminar as práticas do bullying nas escolas devido aos seus efeitos negativos imediatos, e mais tarde a longo prazo, quer para as vítimas como para os agressores, porque não se deve pensar que o agressor não precisa de ajuda, pois isso não é verdade; uma coisa é a imagem dele próprio que tenta fazer passar e, outra, é o que ele é na realidade. Sendo assim, é necessário trabalhar com o agressor para o ajudar a modificar o seu comportamento. O agressor pode pensar e por vezes, consegue, que através da violência atinge os seus objetivos, o que pode desencadear, no futuro, uma conduta delituosa.

Olweus (2004) identifica o agressor como um indivíduo de temperamento agressivo e impulsivo com os seus próprios companheiros, um indivíduo com grandes dificuldades de comunicação, de negociação, o autor atribui-lhe uma grande falta de sensibilidade para os sentimentos da vítima, sendo totalmente alheio ao sentimento de culpabilidade, um indivíduo que não consegue controlar a raiva e como uma necessidade contante de dominar os outros.

No entanto as consequências mais graves são sofridas pela vítima. Consequências, estas, que levarão para a vida, caso não tenham um apoio necessário a nível psicossocial e familiar, é importante lembrar que sozinhos não conseguem enfrentar a situação, portanto há que ficar atentos aos sinais depressivos que eles apresentam. A imagem que desenvolvem acerca de si próprio é muito negativa (baixa auto-estima, insucesso e dificuldades escolar, altos níveis de ansiedade, fobias, angústias, insatisfação, riscos físicos e insegurança, impedindo um desenvolvimento completo e saudável da sua personalidade). Segundo Serrate (2014),

“Existe a possibilidade de as vítimas de bullying responderem por vezes com atitudes agressivas para se proteger. Neste caso, produz-se um sentimento de insegurança e de impotência; a criança sente-se triste, humilhada, incapaz de enfrentar a situação, o que conduz a uma baixa autoestima. Isso pode levá-la a duas reações: a criança aprende

com a situação que agressividade é uma forma de se relacionar com os outros e transforma-se desenvolvendo ela própria um sistema pessoal defensivo baseado na agressividade, ou, então, pode conduzi-la a um retraimento social e a um sentimento de inferioridade. A perturbação causada pelo *stress* pós-traumático acaba por surgir, seja no curto prazo, seja alguns meses ou mesmo anos mais tarde. Torna-se assim necessário trabalhar a partir do mesmo em que aparecem os primeiros sintomas” (Serrate 2014, p. 11).

É neste sentido que devemos transmitir e ensinar aos mais novos a importância do respeito, da união, e da aceitação das diferenças para com os outros, visto que são valores essenciais para a construção de uma boa amizade e para cultivar a paz no planeta.

1.2. Conceito de Racismo

Sendo o bullying, um tipo de racismo onde as ofensas de alguém se concentram na raça, etnia ou cultura, não podemos deixar de abordar o conceito de racismo.

As teorias sobre as diferentes raças humanas surgiram inicialmente no final do século XVIII e início do século XIX, tendo como autor principal, Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) o “pai do racismo moderno” – filósofo francês e principal defensor da ideia de superioridade da raça branca.

A questão racial foi tema de discórdias internacionais e assumiu tal importância que após o termo da II Grande Guerra, a UNESCO promoveu amplas investigações interdisciplinares sobre a questão racial, cujos resultados foram debatidos por quatro equipas diferentes e que deram origem a quatro declarações (1950, 1951, 1964 e 1967). “Na sua primeira Declaração (1950), proclama que todos os seres humanos pertencem à mesma espécie, o *Homo sapiens*, estabelecendo as bases de igualdade de facto entre todas as “raças” (UNESCO, 1973, p. 366). A segunda Declaração (1951), chama a atenção para o uso abusivo da palavra raça para os mitos que estas palavras estão associadas, pelo que recomenda o uso de outra palavra para designar os grupos humanos. “A quarta Declaração (1967) vai mais longe nesta ideia e refere que as doutrinas racistas são destituídas de bases científicas, sendo a noção de “raça” convencional ou arbitrária” (UNESCO, 1973, p. 379).

De acordo com Trindade o racismo é “toda teoria que leve a admitir nos grupos raciais ou étnicos, qualquer superioridade ou inferioridade capaz de atribuir a alguns o direito de dominar ou eliminar outros, pretensamente inferiores, e que leve a fundamentar julgamentos de valor em qualquer diferença racial, (bem como) as ideologias racistas,

as atitudes fundadas em preconceitos raciais, os comportamentos discriminatórios, as disposições estruturais e práticas institucionalizadas que provoquem desigualdade racial bem como a ideia falaciosa de que as relações discriminatórias entre grupos justificavam-se moral e cientificamente” (Trindade,1994, p. 20).

Os grupos étnicos que de uma forma ou outra são vítimas de discriminação são por vezes aceites e tolerados pelos grupos dominantes na condição de renunciarem à sua identidade cultural. É conveniente salientar a necessidade de encorajar esses grupos étnicos a preservar os seus valores. Eles estarão assim em melhores condições de contribuir para o enriquecimento da cultura total da humanidade (UNESCO, 1973).

Giddens (2005, p. 209), descreve o conceito de raça como sendo um “conjunto de relações sociais que permite situar os indivíduos e os grupos e determinar vários atributos ou competências com base em aspetos biologicamente fundamentados”. Sendo assim, a ideia de distinção racial vai além de tentar categorizar indivíduos por suas características biológicas, pois está também relacionada com certas formas de desigualdade social e outros fenómenos sociais.

Numa visão mais humanística Trindade acredita que há arbitrariedade do conceito de raça que subsiste até nossos dias e com sua origem marcada pela justificativa da dominação de povos diferentes da matriz europeia - através de quaisquer meios, inclusive violência, agressão e genocídios -, tendemos a crer na complexidade do racismo onde intervêm vários aspetos "econômicos, políticos, históricos, culturais, sociais e psicológicos" e a acreditar firmemente que o racismo é uma questão ideológica. (Trindade,1994, p. 20).

Wieviorka (2002), refere o racismo, como uma crença em que “existam ‘raças’ cujas características biológicas ou físicas corresponderiam a capacidades psicológicas e intelectuais, ao mesmo tempo coletivas e válidas para cada indivíduo”. Ainda para o autor, estas são imutáveis e que as diferenças “raciais” conduzem à superioridade inerente de uma “raça” em particular, é relativamente recente. A maioria dos historiadores sugere que o conceito de “raça” começou a circular no campo político, social e científico a partir de meados do século XVIII.

De acordo com Catarina (2019, pp. 3-4), o racismo é um fenómeno de discriminação social, baseado no princípio de que há várias raças humanas, assente numa hierarquização com base em características físicas como a cor da pele ou outras características étnico-raciais, sem quaisquer fundamentos científicos de suporte. Acresce ainda que em muitas sociedades fenómenos de xenofobia, que consiste em discriminação social com base na

nacionalidade.

Segundo Silva (2001), o racismo tenta negar a humanidade das pessoas negras quando as compara a animais, doenças ou ao acentuar suas características físicas igualando-as a objetos. “De tanto inferiorizar as pessoas negras com apelidos, ‘piadinhas’ e gracejos, todo o mundo passa a achar que isso é engraçado, louvável e quem se indigna é neurótico (Silva, 2001).

Todos esses comportamentos racistas camuflados, muitas das vezes, as vítimas não se apercebem que estão sendo vítimas de racismo considerando essas atitudes e comportamento (Silva, 2001).

Portugal, tal como todas as sociedades, tem uma matriz cultural e social da comunidade maioritária que assume comportamentos diversos perante as minorias étnico-raciais e que, independentemente de um quadro legal assumidamente igualitário para todos os cidadãos e cidadãs, como refere a Constituição da República Portuguesa nos números 1 e 2 do seu artigo 13.º: “Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei”, e “Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica ou condição social”. Tem na sua organização e interação comportamentos etnocêntricos, ou seja, em que as representações e os valores com que avaliamos as minorias culturais e étnico-raciais são entendidos como prevaletentes e dominantes.

Observa-se nos tempos atuais que os níveis de preconceito racial continuam elevados e este começou a assumir manifestações mais encobertas, mais subtis, do que nas décadas anteriores (Vala & Lima, 2002). Assim, na presente sociedade individualizada (nas culturas ocidentais), onde a meritocracia é valorizada, as diferenças sociais observadas são muitas vezes entendidas como uma consequência da “inferioridade” de determinados grupos sociais. Esta é a manifestação do preconceito racial moderno, que encontra mais suporte em enfatizar as diferenças culturais (“étnicas”) de cada povo do que em afirmar diferenças biológicas (Vala & Lima, 2002; Vala, Pereira, & Costa-Lopes, 2009). A persistência do racismo é inegável e o preconceito encontra-se muito associada ao tom de pele (Neto & Paiva, 1998).

É de realçar que movimentos de pessoas negras há anos debatem o racismo como

estrutura fundamental das relações sociais, criando desigualdades e abismos. O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos e não um simples ato da vontade de um indivíduo.

2.3 Tipos De Bullying

Os tipos de bullying diferenciam-se a partir do modo como são praticados. Podem ser entendidos como físico, moral, psicológico, material, verbal, social, sexual, preconceituoso e cyberbullying.

De acordo com Silva e Mascarenhas (2010, p. 51), em contraste com outras formas de bullying, “(...) o cyberbullying, que é caracterizada como uma manifestação de agressão ou assédio moral, apoiado nas tecnologias da informação, transcende as fronteiras do tempo (na medida em que a ofensa se pode manter infinitamente presente no espaço virtual), mas também as fronteiras do espaço pessoal e físico.”

Ainda segundo Mynard e Joseph (2000, p. 169), as formas diretas de vitimização as que ocorrem “face-a-face” – podem manifestar-se mediante o recurso a ataques abertamente confrontacionais, ao passo que, por seu turno, as formas indiretas de vitimização se traduzem na utilização reiterada de ataques manipulativos secretos.

Uma das características do bullying é a intencionalidade “o desejo de magoar ou amedrontar alguém fisicamente, verbal ou psicologicamente” (Pereira, 2008, p. 29). Considerando as contribuições dos autores acima mencionados, foi elaborado o seguinte quadro no qual se subdividem os comportamentos de bullying consoante a forma de agressão manifestada (física, verbal, relaciona e psicológica) e o seu carácter direto ou indireto, como se verifica no quadro I.

Quadro 1 - Os tipos de bullying e as características.

Tipos de Bullying	Expressão	Comportamentos
Física	Direta	Bater, dar pontapés, dar murros; rasteiras, empurrar, puxar o cabelo, beliscar, morder, tirar os pertences ao colega, cuspir no colega, perseguir o colega, impedir a passagem do colega.
	Indireta	Recrutar um colega para agredir outro, roubar ou esconder objetos dos colegas, partir ou destruir objetos dos colegas.
Verbal	Direta	Gozar, chamar nomes, insultar, pôr alcunhas, ser sarcástico, ameaçar verbalmente, emitir comentários maldosos, rebaixar,

		criticar a aparência do colega baseando na sua cor, etnia raça, classe social, sexualidade, nacionalidade, região crença, etc.
Psicológica	Indireta	Espalhar rumores e ou mentiras, escrever notas maldosas, intrigar, caluniar, difamar, dizer coisas desagradáveis pelas costas do colega.
	Direta	Extorsão, coação, ameaçar gestualmente, chantagear, utilizar gestos obscenos.
	Indireta	Enviar e-mails ameaçadores e desagradáveis fazer chamadas anónimas ameaçadoras e desagradáveis
	Direta	Dizer a colega que ele não pode brincar com eles, afirmar ao colega não ser amigo dele, evitar ou ignorar o colega, dizer que deixa de ser seu amigo a menos que faça o que ele lhe pede.
Relacional		Excluir outros do grupo, manipular redes de amizade, encorajar os colegas a não brincarem com outro colega, tornar-se amigo de outro por vingança, não convidar deliberadamente o colega para festas, dizer mentiras sobre o colega para outros não se darem com ele.

Fonte: elaboração própria

Há ainda o cyberbullying, uma nova forma de bullying. Vários estudos recentes mostram que ocorre através dos telemóveis (mensagens de texto, chamadas telefónicas) ou através da internet (emails, fotografias ou videoclips). O cyberbullying parece uma atividade anónima e individualista, sendo o mais comum o gozo, o insulto e a exposição ao ridículo.

Segundo Lins (2010) as consequências do bullying são devastadoras em todos os sentidos, afetam os envolvidos a todos os níveis, sendo a vítima a que tem maior probabilidade de continuar sofrendo os seus efeitos para o resto da vida. De acordo com Lins (2010, p. 13), o bullying passou a ser considerado como um “problema de saúde pública”, devendo ser reconhecido e assistido por profissionais especializados da área.

Todas essas consequências prejudicam as vítimas e toda a instituição, é importante que a escola pretenda compreender essa prática mais a fundo e encontre estratégias para perceber e lidar com o assunto.

Segundo Mendes (2011) refere que as consequências do bullying são levadas para a vida toda, pois o agredido pode desenvolver distúrbios de ansiedade, depressão crónica, suicídio. O agressor também pode desenvolver comportamentos anti-sociais na sua vida adulta, acarretando em falta de estabilidade no trabalho e problemas de relacionamento afetivo. Quem assiste, também corre os seus riscos, pois o simples testemunho da agressão continuada, pode acarretar o descontentamento em toda a comunidade escolar.

2.4 Os efeitos do bullying

Alguns estudos evidenciam que as crianças vítimas de bullying tendem a ter uma fraca auto-estima, pouca aceitação, ativa rejeição, e são menos frequentemente escolhidas como os melhores amigos. Também apresentam fracas competências sociais, como por exemplo cooperação, partilha e capacidade de ajudar os outros (Haselager & Lieshout – 1992). A criança vítima de bullying torna-se triste, apresenta falta de autoconfiança, de auto-estima e de concentração (Beran & Li, 2007: 24) (Pereira, 1997: 27-28). “A agressão e a vitimização parecem ter consequências nefastas para os principais envolvidos no fenómeno bully-vítima, quer a curto, quer a longo prazo. Assim, as vítimas tendem a exibir um autoconceito geralmente desfavorável; baixa auto-estima; problemas de saúde física (sintomas psicossomáticos) e de saúde mental (sintomas depressivos, insegurança e ansiedade); e tendem a ser rejeitados pelos pares” (Martins, 2005: 402). Um dos efeitos mais dramáticos do bullying na escola é o suicídio (Pereira, 2001: 23)

Os efeitos do bullying podem ser muito diversificados, no quadro que se segue apresentam-se alguns desses efeitos (Neto, 2005).

Quadro 2 - Sinais e sintomas possíveis de serem observados em alunos alvos de bullying

ALTERAÇÕES NO SONO	
<ul style="list-style-type: none">• Cefaléia• Dor epigástrica• Desmaios• Vômitos• Dores de extremidades• Paralisia• Hiperventilação• Queixas visuais• Queixa de intestino irritável• Anorexia• Bulimia• Isolamento• Tentativa de suicídio	<ul style="list-style-type: none">• Agressividade• Irritabilidade• Perda de memória• Hiperventilação• Histeria• Depressão• Pânico• Relatos de medo• Resistência em ir à escola• Demonstração de Tristeza• Insegurança em estar na escola• Mau rendimento escolar

Fonte: Elaboração própria

2. 5 Bullying Racial no Contexto Escolar

Na escola, que tem como uma das suas principais missões socializar, incluir e acolher a diversidade trazida pelos seus atores, observa-se comumente práticas hostis e racistas, contra alunos negros. Segundo Moscovici (1978, p. 64) “[...] o racismo é o caso extremo em que cada pessoa é julgada, percebida, vivida, como representante de uma sequência de outras pessoas ou de uma coletividade”.

Tal violência muitas vezes expressa-se através do bullying. “A violência racista pode submeter o sujeito negro a uma situação cuja desumanidade nos desarma e deixa perplexos. Seria difícil encontrar o adjetivo adequado para nomear esta odiosa forma de opressão” (Souza, 1983, p. 16). “a atenção da sociedade só se volta para o problema quando os meios de comunicação, de forma sensacionalista, divulgam as tragédias ocorridas nas escolas, gerando insegurança para a comunidade escolar, sem que as suas verdadeiras causas sejam focadas” (Fante, 2005, p. 30).

Segundo Kuhlkamp, (2015), a discriminação e a exclusão social étnico-raciais, também estão presentes no espaço escolar, podendo apresentar-se nas mais diversas formas, tanto partindo do docente para o discente, como do discente para o docente, do docente para docente e do discente para discente. Não é raro encontrar um docente que se diga não preconceituoso num momento, e a seguir proferir “serviço de preto”, outros dizem que não chamam a atenção de fulano, pois tem “cara de bandido”. Por outro lado, nota-se presente entre os próprios discentes de raça negra a aceitação da ideia de inferioridade que lhes foi imputada no decorrer do tempo. É inegável que as instituições de ensino são plurais e abertas à diversidade, mas, infelizmente, não se pode mascarar a verdade, o racismo existe, seja de maneira explícita, ou de forma disfarçada e oculta (Kuhlkamp, 2015).

De acordo com Silva (1995, apud Abramowicz e Oliveira, 2006, p. 51) as crianças de grupos étnicos diferenciados percebem quando são desqualificadas, adquirindo, assim, uma conceção coletiva de sua etnia a partir do estigma que lhe é atribuído. No caso das crianças negras, as suas características raciais (tom de pele, nariz achatado, cabelos encarapinhados) são consideradas feias e elas interiorizam a inferioridade. A seu ver, ser negro é ser feio.

Ferreira (2016) refere que enquanto a escola deveria assumir um papel de “(...) local de aprendizagem e de nutrição de relações positivas entre os alunos, (...) é na verdade

um local onde acontece exatamente o oposto, ou seja, onde se assiste à desmotivação, desinteresse e, por sua vez, violência, medo e insegurança entre pares.” Pelo facto de este fenómeno ser praticado por menores, tal provoca o alarme social e atrai a atenção da opinião pública, dado que enquanto aos olhos da lei tais indivíduos são considerados como inimputáveis, é notória a reincidência deste tipo de práticas e o aumento significativo do número de casos ao longo do tempo.

O Relatório das Nações Unidas para a Infância, *Hidden in plain sight*, num estudo a nível mundial, englobando 190 países, incluindo Portugal, demonstra que mais de um em cada três alunos, com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos, passam regularmente por, pelo menos, uma experiência de *bullying* (Sousa, 2017, p. 6).

Em Portugal, Carvalhosa, Lima e Matos (2002), num estudo realizado com 6.903 alunos do 6º, 8º e 10º ano de escolaridade, de 191 escolas, concluíram que os alunos mais novos são com mais frequência vítimas, sendo que a frequência com que estes sofrem de *bullying* diminui à medida que aumenta a idade. Os resultados obtidos por um estudo realizado por Gonçalves (2009), também este em Portugal, com 257 sujeitos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos, permitiram verificar também que o *bullying* diminui com o aumento da idade (Sousa, 2017, p.12).

O mesmo autor destaca a investigação feita por Carvalhosa e Matos em 2004, sobre este tema e refere que em Portugal, o sexo masculino é o que mais refere ser alvo de *bullying*, destacando-se a agressão física como meio primordial de agressão neste sexo.

Já no sexo feminino, destaca-se “(...) formas de *bullying* indireto como manipulação social e agressão verbal.” Estas autoras destacam ainda que: “(...) Dos alunos portugueses entre os 10 e os 18 anos, 23,5% estão envolvidos em comportamentos de *bullying*, 2 a 3 vezes por mês ou mais, ou seja, 1 em cada 4 alunos. Os rapazes envolvem-se mais em comportamentos de *bullying* na escola, quer como bullies quer como vítimas, quer com duplo envolvimento (simultaneamente bullies e vítimas). O envolvimento em comportamentos de *bullying* parece ter um pico aos 13 anos, embora os mais novos (11 anos) se envolvam mais, enquanto vítimas (Ferreira, 2016, p.26).

Em Portugal, Lourenço (2009), observaram que o local onde mais acontecem agressões é o recreio, estando a sala de aula mencionada, como um outro local onde surgem situações de *bullying*. Os resultados do estudo de Adão (2015) do qual participaram 172

alunos portugueses e cujo objetivo incidu na investigação das formas de bullying/vitimização mais frequentes e os locais onde ocorrem, demonstram que o local onde acontecem maioritariamente as situações de agressão é o recreio, seguido da sala de aula. (Sousa, 2017, p. 14). Para Serrate, as casas de banho são utilizadas como esconderijo de objetos, sejam da vítima ou sejam objetos que irão ser utilizados mais tarde na agressão. «As ameaças com armas» ocorrem fora da escola e quando, em menor escala, ocorrem dentro da escola, são realizadas nas casas de banho (Serrate, 2014, p. 26).

Os lugares mais disseminados da escola tornam-se favoráveis para concretizar as agressões de forma reiterada nas vítimas.

No que concerne aos tipos e formas de bullying, no seu estudo realizado em Portugal, concluiu que no ensino público, as situações de violência mais comuns são as “ofensas verbais” e as “agressões físicas”. No ensino privado são mais frequentes as “ameaças” e as “ofensas verbais” (Félix, 2013).

O bullying verbal baseia-se no realismo linguístico, no sentido de que as vítimas são apelidadas, normalmente, a partir de um traço físico, de performance, ou psicológico, que as diferencia dos demais e que o apelido põe em destaque, de forma caricatural (...) “Os rótulos discriminadores, de base metafórica, são criativos, provocam o riso e a diversão dos circunstantes, e se não fossem trágicos, poderiam ser considerados manifestações da arte da linguagem na interação quotidiana” (Oliveira e Votre, 2006, p. 175).

No âmbito do Estatuto do Aluno (Lei n.º 51/2012) compete à escola agir em caso de “perigo para a segurança, saúde, ou educação do aluno, designadamente por ameaça à sua integridade física ou psicológica” e é esta que deve comunicar o caso “à comissão de proteção de crianças e jovens com competência na área de residência do aluno ou, no caso de esta não se encontrar instalada, ao magistrado do Ministério Público junto do tribunal competente” e, sobretudo, realizar políticas e práticas que dissuadam estes fenómenos e que garantam a sua rápida e eficaz resolução. Assim sendo é também juridicamente responsável pela falha ou inépcia na aplicação do Estatuto do Aluno.

A luta contra o bullying actualmente, pode significar uma luta social pelo reconhecimento e valorização das diferenças sem que isto implique em preconceitos e injustiças, discussões que abordem os preconceitos existentes na nossa sociedade devem ser objeto de reflexões na sala de aula. Essa é uma ação política de combate a violência nas

escolas, através da sensibilização nos meios de comunicação social relativamente e está problemática que atinge as crianças e jovens no quotidiano.

Nos casos de bullying, como já foi observado, os(as) agressores(as) visam a manutenção do seu poder, através da violência e da humilhação. Em contrapartida, as vítimas sentem receio de conviver com os(as) colegas. Já as testemunhas na maioria dos casos, não denunciam as agressões e humilhações das vítimas com medo que as agressões se virem contra eles(as) e que desta forma, sejam excluídos(as) do grupo. Neste âmbito é atribuído aos professores um papel fundamental: o de mediadores do processo de desenvolvimento pessoal e social dos(as) seus(suas) alunos(as) (Oliveira, 2005).

2.5.1 A vítima de bullying

Considera-se vítima o aluno exposto, de forma repetida e durante algum tempo, às ações negativas praticadas por um ou mais alunos. Como já foi referido anteriormente, entende-se por ações negativas as situações em que alguém, de forma intencional e repetida, causa dano, fere ou incomoda outra pessoa. De acordo com a definição de Boulton & Smith (1994), citados por Carvalhosa et al. (2001) “ a vítima é alguém com quem frequentemente implicam, ou que lhe batem, ou que a arrelham, ou que lhe fazem outras coisas desagradáveis sem uma boa razão. Verifica-se que as vítimas típicas (ou passivas) são mais deprimidas que os outros alunos”. Ventura e Fante (2013) referem como características típicas das vítimas: “padrão de reação ansioso associado a fragilidade física (principalmente entre o sexo masculino); atitudes mais negativas, relativamente ao uso da violência, se comparados com os alunos em geral”; quando atacados por outros, normalmente choram e não reagem, introversão, baixa auto-estima, depressão, visão negativa deles próprios e da respetiva situação, apresentam-se sempre como alguém solitário e isolado dos restantes.

2.5.2 O agressor

Os agressores são aqueles que não gostam de cumprir as normas, gostam de aparecer perante os outros e se sentem bem nos desrespeito e maldade para com o próximo. A ação do agressor pode ser individual ou coletiva, se apresenta mais forte que a sua vítima, seu comportamento é cruel e perverso sempre na necessidade imperiosa de dominar

e subjugar o mais fraco.

Para (Serrate, 2009) podemos referir-nos à figura de agressor como o agente dominante que exercerá violência física ou verbal de forma continuada contra outro aluno. O autor de bullying é tipicamente popular, tende a envolver-se numa variedade de comportamentos anti-sociais, pode mostrar-se agressivo inclusivamente com os adultos, é impulsivo, vê a sua agressividade como uma qualidade, sente prazer e satisfação em dominar, em relação à escola apresentam uma atitude negativa, dificuldades em acompanhar o normal ritmo de aprendizagem e ainda apresenta, já com alguma frequência, um quadro de reprovações ao longo do percurso escolar.

2.5.3 As testemunhas

Quando falamos de testemunhas, estas correspondem aos alunos, pais, professores e adultos em geral, que são testemunhas da agressão, mas ficam inertes ao fato aprendendo a conviver com ela. Esta conduta não apoia, mas também não denuncia muitas vezes por medo de ser a próxima vítima. Eles realizam uma conduta de omissão aos ataques, uns se sentem incomodados, mas não reagem, pois sentem-se ameaçados com a presença intimidadora do agressor e outros, para se livrarem da perversidade dos agressores, preferem uma omissão de apoio (Silva, 2010). Muitas vezes, simpatizam com os colegas vitimizados e condenam o comportamento dos jovens que agridem. Entretanto, essas crianças ou adolescentes têm medo de se tornarem alvos das agressões e, por essa razão, não intervêm e esperam que um professor ou algum pai faça isso (Menesini et al., 1997). Muitos desses jovens, ao verem os comportamentos agressivos de seus colegas, começam a imitá-los, para ganhar popularidade e poder, mas, com isso, acabam por se tornar praticantes de bullying, ou agressores, mediante a aprendizagem.

Assim, é de extrema importância o incentivo dos professores e outros profissionais para que mais testemunhas denunciem e tenham comportamentos de proteção para com as vítimas e contra o bullying. É importante a crescente intervenção das crianças no sentido de impedir o bullying, pois essa ação possibilita aos autores de comportamentos agressivos sentirem a falta de apoio para a continuidade dessa atitude (Neto, 2005).

2.6. A Vitimização entre Pares

A vitimização entre as crianças e jovens é entendida como uma forma de abuso

repetitivo entre os colegas. Esta vitimização na adolescência aumenta substancialmente o risco de sintomas de depressão e ansiedade, bem como uma insatisfação na idade adulta.

O popular termo bullying é muitas vezes utilizado para designar esta forma de violência. O bullying é definido como uma forma de maus-tratos ou vitimização entre pares (outras crianças que não familiares) na qual se observa a intenção de magoar por atos negativos que ocorrem repetidamente e em interações caracterizadas por uma assimetria de poder entre os agressores e as vítimas (Hymel e Swearer, 2015; cit Freitas, 2016, p. 31).

As vítimas são escolhidas normalmente pela sua aparência física e psíquicas que destaca de outros alunos. Olweus argumenta que os alunos que apresentam uma deficiência física ou psíquica, que chama atenção como obesidade, baixa estatura, que são de outra etnia como cor da pele, cor dos cabelos, maneira de falar, ou de diferentes ideologias política, que tem mais problemas de saúde, que tem dificuldades para desenvolver as suas capacidades motoras ou intelectuais ou, simplesmente, que estejam isolados do grupo de influência do agressor, são os grupos mais vulneráveis (Olweus, 1998, p. 87).

Ou seja, os alunos que apresentam características diferentes em relação aos outros alunos podem ser humilhados pelo grupo onde estão inseridos fazendo com que a vítima por vezes perca a percepção de si próprio.

Para Olweus (2006), o facto de os agressores se irritarem com o que ele chama de desvios externos das vítimas como meio de lhes fazerem mal não significa que esses desvios sejam a causa desses ataques. Porém, há um desvio externo que está associado á figura do agressor: a sua superioridade física, este desvio externo joga a favor do agressor em relação aos companheiros em geral e de forma mais vincada se o compararmos com as vítimas sendo utilizado contra sí (Olweus; cit Serrate, 2014, pp. 86-90).

Olweus (2014) nos seus estudos, demonstra que existiam, como anteriormente referido, características psicológicas que influenciam a vitima, tais como, frágil, insegura, ansiosa, cautelosa, sensível, calma; desgosta-se facilmente; tímida e com baixa auto-estima, tem uma visão negativa de sí própria e dos seus companheiros; Não se defende sozinha, imatura para a idade, começa a sentir distúrbios psicológicos e tenta fugir da agressão protegendo-se com doenças imaginários, o que pode derivar posteriormente em distúrbios psiquiátricos.

Os traços físicos mais comuns da vítima são: fisicamente menos fortes, necessidade de usar óculos, dificuldades na fala ou em andar, qualquer tipo de deficiência com que o

agressor pode usar para gozar.

Para além dos fatores internos e externos ligados intrinsecamente, ainda há as características sociais e familiares que podem ajudar a compreender certos comportamentos da vítima.

2.7. Medidas de prevenção e indicadores no combate ao Bullying racial nas escolas

Em Portugal estão a ser efetuados programas de intervenção, especialmente nas áreas de formação de professores, intervenções curriculares e programas de mediação entre iguais. Juntamente com o Ministério da Saúde, o Ministério da Educação tem promovido espaços de discussão e informação ao dispor das escolas sobre esta temática, assim como, organizado seminários e conferências a respeito do tema.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima presta apoio a situações referenciadas de bullying, são desenvolvidas diversas iniciativas individuais, a nível das comunidades escolares como forma de intervenção e prevenção do fenómeno.

É de salientar que o Governo Português tem vindo a implementar alguns programas de prevenção e segurança, designadamente o Programa Escola Segura que teve a sua origem num protocolo celebrado em agosto de 1992 entre o Ministério da Administração Interna e o Ministério da Educação, tendo como objetivo melhorar os índices de segurança objetiva e subjetiva, que se verificavam no interior dos espaços escolares que, à época, foram considerados prioritários.

Este tipo de programa é regulamentado pelo Despacho n.º 25650/2006, de 19 de dezembro, visando garantir a segurança, prevenindo e reduzindo a violência, comportamentos de risco e incivildades, bem como melhorar o sentimento de segurança no meio escolar e envolvente, com a participação da comunidade. Os princípios estratégicos do Programa Escola Segura baseiam-se em 4 eixos fundamentais: territorialização do programa ao nível local, centrando-o nas escolas, com a participação ativa de toda a comunidade, promoção e desenvolvimento de parcerias quer ao nível nacional, quer ao nível local, formação destinada a todos os elementos da comunidade educativa e aos elementos das forças de segurança envolvidos no Programa, e monitorização dos fenómenos de violência, comportamentos de risco e incivildades nas escolas.

Segundo o Despacho n.º 8927/2017, define as atuais regras do Programa Escola Segura, descrevendo-o como um programa de âmbito nacional, incluindo todos os estabelecimentos de ensino não superior, públicos, privados e cooperativos. O PES visa garantir a segurança do meio escolar e o meio envolvente, prevenindo comportamentos de risco e reduzindo os atos geradores de insegurança em meio escolar, atribuindo competências à PSP.

O Programa Escola Segura tem como objetivos prioritários: diagnosticar, prevenir e intervir nos problemas de segurança das escolas, prevenir e erradicar a ocorrência de comportamentos de risco e ou de ilícitos nas escolas e nas áreas envolventes, promover uma cultura de segurança nas escolas, fomentar o civismo e a cidadania, contribuindo deste modo para a afirmação da comunidade escolar enquanto espaço privilegiado de integração e socialização.

A diretiva operacional n.º 1/2019 no âmbito do policiamento de proximidade privilegia a aplicação dos princípios da privacidade e da intervenção precoce, consagrados na Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, alterada e republicada pela Lei n.º 26/2019, de 5 de julho, artigo 4.º - Princípios orientadores da intervenção. Tal opção é materializada na definição do indicador “contactos individuais” para a monitorização da eficácia operacional (Princípio da Privacidade), e na continuidade na aposta de projetos ou iniciativas específicas para as crianças do pré-escolar e 1.º ciclo, como o desenvolvido no Projeto “Eu Faço Como Diz o Falco” (Princípio da Intervenção Precoce).

O Ministério criou o despacho n.º 8404-C/2019 que consistiu na “Criação do Grupo de Trabalho denominado «Escola Sem Bullying. Escola Sem Violência» com a missão de apoiar a comunidade escolar na promoção de uma «Escola Sem Bullying. Escola Sem Violência», através do acompanhamento e monitorização do «Plano de Prevenção e Combate ao Bullying e Cyberbullying», que foi implementado pelas escolas, durante o ano letivo de 2019/2020, que consagrou dezasseis medidas de sensibilização, prevenção e definição de mecanismos de intervenção em meio escolar.

Estes instrumentos colocados à disposição das escolas que, a par de outros, constituem um enquadramento de uma escola inclusiva, promotora de um ambiente seguro e saudável, que permite às crianças e jovens desenvolverem valores e competências que, rejeitando a discriminação, promovam o desenvolvimento pessoal e a plena intervenção

social.

Também é verdade que tem o “Estatuto do Aluno e da Ética Escolar” (Lei n.º 51/2012) que nos “deveres do aluno” procura prevenir a ocorrência de bullying através de inúmeras medidas disciplinares corretivas e que inscreve o preceito “contribuir para a preservação da segurança e integridade física e psicológica de todos os que participam na vida da escola” (artigo 43) prevendo contra-ordenações para os educandos que perturbem a “vida escolar”.

Este instrumento defende que em caso algum, o aluno deve ser discriminado em razão da origem étnica, saúde, sexo, orientação sexual, idade, identidade de género, condição económica, cultural ou social, ou convicções políticas, ideológicas, filosóficas ou religiosas. É importante realçar que em Portugal, infelizmente, não existe um crime específico de violência escolar ou bullying. Esta lei existe em outros países como o Brasil (desde 2016), EUA e o Reino Unido (entre outros). Este tipo de violência entre iguais no âmbito escolar manifesta-se hoje como um problema incipiente – pelo menos, do ponto de vista da criminologia - mas, eventualmente grave que atinge manifestações nalguns casos. A violência de que as crianças são vítimas por parte dos adultos foi objetos de atenção a nível jurídico.

Segundo a legislação portuguesa, existe enquadramento legal para o bullying. Se chegar ao ponto de existir uma agressão física isso é passível de pena pelo Código Penal (punível com pena de prisão de até 3 anos ou multa). Se tratar de uma agressão verbal aplica-se o crime de injúria (pena de prisão de até 3 meses ou multa até 120 dias). Recorde-se que, em Portugal, os menores entre os 12 e os 16 anos não gozam de inimizabilidade penal, e estão sujeitos à aplicação de medidas tutelares educativas previstas pela Lei e que os tenham entre 16 e 21 anos estão sujeitos ao regime aplicável a jovens delinquentes (Decreto-Lei n.º 401/82).

Desde 2011, que em Portugal a prática de bullying é tipificado como crime público podendo o agressor incorrer em penas de prisão entre um e cinco, se maior que 16 anos.

Segundo Sá, para além destas medidas, “existem uma multiplicidade de indicadores que podem efetivamente contribuir para a determinação e caracterização do clima de uma escola. Esses indicadores podem, por sua vez, ser de ordem estrutural (física), social (comunicacional/relacional), afetiva ou académica (Sá, 2012, p. 247).

Refere Sá (2012), que os indicadores de ordem estrutural (física), por exemplo, incluem os fatores que são impulsionadores de um ambiente acolhedor e propício à aprendizagem dos alunos. Podemos incluir neste âmbito a própria arquitetura do edifício, a sua disposição (e a sua implementação ou localização geográfica), a qualidade e a estética dos materiais, o asseio, a limpeza, o sossego, a manutenção desses espaços e dos respetivos equipamentos. Podemos ainda considerar neste grupo a lotação (e sua adequação) da própria escola, o seu grau global de conforto ou de segurança.

No que diz respeito aos indicadores de ordem social (comunicacional/relacional), estes abrangem todos os meios promotores da comunicação e da interação entre os elementos da comunidade educativa e que podem abarcar o tipo e a qualidade de regras e de normas determinadas pela e para a instituição, assim como as mesmas são aplicadas (não descurando os princípios de justiça, coerência, celeridade).

A estrutura organizacional da instituição; as práticas de liderança e de ensino-aprendizagem implementadas pelos docentes; a qualidade e a proximidade das relações interpessoais entre alunos, entre alunos e docentes, entre docentes e pais; a consistência e a coerência dos comportamentos e atitudes evidenciados pelos adultos; o envolvimento ativo e compromisso assumido por todos os elementos da comunidade educativa na vida da escola visão partilhada para a instituição.

O exercício de uma cidadania ativa, nomeadamente através da participação direta e democrática dos próprios alunos na tomada de decisões, a aposta na formação de adultos e de alunos na prevenção e resolução de conflito, a redução efetiva assim como a monitorização continuada dos problemas comportamentais, a promoção de competências de aprendizagem (associadas à criatividade, à inovação, ao espírito crítico, à resolução de problemas, à comunicação, à cooperação) e de caráter relacional ou social (refletidas na flexibilidade, adaptabilidade, iniciativa, liderança ou responsabilidade).

Os indicadores de ordem afetiva, por sua vez, abarcam os aspetos promotores de sentimentos de pertença e de valorização da auto-estima dos utentes da escola através da promoção efetiva de valores de convivência sadia, prevalecendo um clima de respeito (por si e por terceiros), confiança (nos pares e nos adultos), amizade, cooperação, coesão, carinho, afeto. Acrescente-se ainda a abertura da escola à diversidade étnica e cultural ou o incentivo a uma maior autodisciplina.

Finalmente, consideremos os indicadores de ordem académica que remetem para os itens promotores do processo de aprendizagem e da consequente auto-realização escolar dos alunos – e que se podem repercutir na enunciação de expectativas elevadas de sucesso para todos os alunos (visíveis nos elevados índices de motivação). Integram esta quarta dimensão a implementação de metodologias de ensino criativas, integradoras e diferenciadas; a monitorização regular – e discussão – do(s) progresso(s) verificado(s) ao nível dos resultados e, por conseguinte, a sua auto-regulação; ou mesmo a recompensação individual e o reconhecimento público dos bons resultados atingidos pelos sujeitos.

Olweus (2005) refere algumas medidas implementadas no combate ao bullying nas escolas tais como: a comemoração de um dia alusivo à temática do bullying. O mesmo autor sugere, por exemplo, como outra estratégia nesta fase inicial (dedicada à informação, sensibilização e mobilização da comunidade escolar) a realização de um dia alusivo à temática na escola – o denominado ‘Dia de Conferência’ (‘Conference Day’), em que a discussão incidirá concretamente sobre os problemas de agressão e de vitimização (e respetivas consequências) vivenciados na escola (atividade destinada a alunos e professores). Pretende-se, entre outros objetivos, potenciar um sentimento de compromisso e de responsabilidade coletivo em relação ao programa e à sua efetiva implementação.

É importante abrir espaço para que, na ocorrência do fenómeno bullying, comece a se tomar atitudes de combate e prevenção. Gabriel Chalita (2008) considera algumas atitudes que devem ser tomadas pelas vítimas, pais e a escola, a partir destes argumentos, como refere o quadro 3.

Quadro 3 - Atitudes a serem tomadas para prevenção e combate ao Bullying Escolar

Atitudes a serem tomadas para prevenção e combate ao <i>Bullying</i> Escolar		
Vítima	Pais	Escola
<p>Postura: manter a postura correta e olhar o agressor nos olhos, não com ar de provocação, mas de segurança. As vítimas costumam abaixar a cabeça diante dos agressores.</p> <p>Firmeza: ser educado, mas firme. Dizer “pare” ou “que atitude infantil”. Ter atitude mais firme de desprezo a piadas de mau gosto. As vítimas costumam ouvir as humilhações em silêncio ou demonstrar que estão magoadas.</p> <p>Coragem: Não chorar ou mostrar que ficou aborrecido, mas afastar-se e, se não for possível, esconder o medo.</p> <p>Parcerias: informar um ou mais adultos, de sua confiança, sobre o ocorrido.</p>	<p>Posicionamento: não ignorar a situação, nem procurar fazer de conta de que está tudo bem. Interesse: procurar saber como ajudar seu filho: falar com a “escola” ou com psicólogos ou profissionais da área.</p> <p>Presença: manter contato com a escola e acompanhar a evolução.</p> <p>Diálogo e tolerância: conversar com calma e controlar a própria agressividade.</p> <p>Autoridade: dar orientações e limites para ajudar o filho a controlar o comportamento agressivo.</p> <p>Humildade: encorajar seu filho a pedir desculpas ao colega agredido. Reflexão e compaixão: exercitar com seu filho situações de se colocar no lugar na vítima.</p>	<p>Que todos os profissionais da escola precisam estar envolvidos com a missão de combater a violência... Que os educadores não são membros das forças armadas nem do esquadrão de choque, e que o objetivo é eliminar a violência...</p> <p>Que o estabelecimento de vínculos pela afetividade e pela amizade é um bom começo e deve ser visto como um princípio inegociável.</p> <p>Que a prática do diálogo, o compromisso com a verdade e clareza das intenções fazem parte das regras.</p> <p>Que a ação das intenções é de cunho educativo e não repressivo ou punitivo. Contudo, cada escola deve estabelecer os critérios de sanção para os atos agressivos.</p>

Fonte: Chalita, 2008.

O reforço/melhoramento da supervisão dos recreios nos intervalos e na hora de almoço salienta a importância da presença ativa dos adultos (professores, pessoal não docente, monitores ou encarregados de educação) nestes espaços, nomeadamente nos períodos de maior risco – intervalos das atividades letivas.

É, por esse motivo, que existe uma maior preocupação com a supervisão de áreas de maior concentração de alunos ou mais sensíveis, sobretudo durante o período da hora de almoço, procurando-se, por outro lado, uma maior qualidade da própria monitorização (maior proximidade com os alunos, maior ação proactiva, medidas interventivas mais rápidas e eficazes em situação de agressão ou mesmos suspeitas de que a mesma possa estar a ocorrer).

Para ajudar a diminuir os casos de violência nas escolas é importante relembrar que é uma luta de todos principalmente em cada um dos microsistema em que nos desenvolvemos, tanto para a família como na escola.

2.8 O Serviço Social e o papel do assistente social na implementação das práticas sociais nas Escolas

O Serviço Social foi institucionalizado em Portugal em 1935, com a oficialização da formação na Escola de Serviço Social de Lisboa. Todavia, a sua institucionalização como formação académica e profissão contextualiza-se no período do Estado Novo, anti-liberal, anti-Estado e anti-Providência. Após a revolução do 25 de Abril de 1974 e da institucionalização do Estado de direito democrático, é reconhecido o ensino em ciências humanas e sociais, campo de sustentação e partilha de saberes do Serviço Social. Em 1989 é reconhecida a Licenciatura e nos anos 90 o Mestrado. Assim sendo, “entendemos que o Serviço Social é uma profissão de intervenção, de prática de relações, de trabalho, de prática de assistência social, de gestão e execução das políticas sociais” (Alves, 2005, p. 60).

A Federação Internacional dos Assistentes Sociais e da Associação Internacional de Escolas de Serviço Social FIAS/AIESS (2014), define o serviço social como uma profissão de intervenção e uma disciplina académica que promove o desenvolvimento e a mudança social, a coesão social, o empowerment e a promoção da pessoa. Os princípios de justiça social, dos direitos humanos, da responsabilidade coletiva e do respeito pela diversidade são centrais ao Serviço Social. Sustentado nas teorias do Serviço Social nas ciências sociais, nas humanidades e nos conhecimentos indígenas, o Serviço Social relaciona as pessoas com as estruturas sociais para responder aos desafios da vida e à melhoria do bem-

estar social.

“O Serviço Social é uma profissão que tem características singulares. Ela não atua sobre uma única necessidade humana (...) a sua especialidade está no facto de atuar sobre todas as necessidades humanas de uma dada classe social, ou seja, aquela formada pelos grupos subalternizados, pauperizados ou excluídos dos bens, serviços e riquezas dessa mesma sociedade. É por isso que os profissionais de Serviço Social atuam, basicamente na trama das relações de conquista e apropriação de serviços e poder pela população excluída e dominada” (Falcão, 1989, p. 51).

Para Yamamoto (2001), um dos maiores desafios que o assistente social vive no presente é desenvolver a sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes no cotidiano. Enfim, ser um profissional propositivo e não só executivo.

Segundo Carvalho “em Portugal, as grandes mudanças no sistema educativo deram-se depois de 1974 com a publicação da primeira constituição democrática (1976) onde foi assumido o direito à educação, mas só na década de 70, após a revolução democrática, é que a educação foi assumida como um direito em todos os níveis de ensino-pré-escolar, secundário e universitário. A escola de hoje promove o sucesso educativo dos estudantes, prevenindo o abandono escolar precoce e o absentismo e combatendo a indisciplina. Preocupa-se com a mediação de conflitos entre estudantes e entre estes e os professores” (Carvalho, 2018, pp. 1-10).

Contudo, para que a educação cumpra a sua finalidade, um dos desafios é minimizar os reflexos das expressões da questão social, segundo Yamamoto (2001) a questão social expressa, portanto, disparidades económicas, políticas, e culturais das classes sociais, mediatizados por relações de género, características étnico-raciais e formação regionais, colocando em causa as relações entre amplos segmentos da sociedade cível e o poder estatal.

É de realçar que o assistente social desempenha vários papéis e estes ajudam a definir o que é o serviço social e a importância do assistente social nas escolas. Sem deixar de realçar que para o trabalho seja eficaz, seguro e para combater o bullying racial e a discriminação racial nas escolas, é fundamental e necessária uma articulação com a família.

“A família é a base do indivíduo, é nesta instituição que a criança deve crescer e se desenvolver aprendendo a respeitar, a conviver e a compreender o espaço do outro, é neste acompanhamento familiar que se forma um alicerce favorável para educar os filhos, em parceria com a

escola, para formar cidadãos em plena condição de viver em sociedade”
(Coutinho, et al., 2012, p. 89).

Portanto, as proposições deste trabalho apontam para a importante contribuição que o assistente social pode dar no enfrentamento do bullying escolar, fomentando a discussão do tema, incentivando o respeito entre os participantes e almejando a construção de uma nova realidade, norteadas por uma visão emancipatória.

Segundo Carvalho (2018), o assistente social tem grande importância na dimensão da prevenção, destinada a todos os alunos da escola e, muitas vezes, desenvolvida em articulação com outros profissionais dos serviços, dentro e fora da escola, sendo exemplo a questão da disciplina, a resolução de conflitos, o bullying, o racismo e xenofobia, a saúde mental e a prevenção da violência (Carvalho, 2018).

“Neste cenário, os assistentes sociais, com os seus conhecimentos teóricos – metodológicos e éticos- políticos, tem condições para fazer uma leitura crítica desde processo, contribuindo significativamente para que a escola atinja os seus objetivos que é criar condições para o progresso académico do estudante, intervindo na escola, com a família e com a comunidade de modo a assegurar que os estudantes atingem todo o seu potencial na área da educação” (Constable, 2009, citado por Richard e Sosa, 2014, p. 212).

Segundo o mesmo autor, o assistente social intervém na escola através de intervenções nos alunos e no sistema.

As intervenções focalizadas nos alunos (intervenção direta) baseiam-se em exteriorização de problemas comportamentais (p. ex., indisciplina, violência etc.), interiorização de problemas comportamentais (p. ex., depressão, segregação, etc.), problemas sociais (p. ex., negligência parenta, adição, etc.) e alunos incapacitados (p.ex., cognitivas, físicas, sociais, etc.).

No que respeita às intervenções focalizadas no sistema (mediação e potenciação), destacam-se os programas escolares baseados na prevenção (p.ex. Bullying, adição às drogas, etc.), intervenção em favor de grupos vulneráveis (p. ex., minorias étnicas, religiosas, etc), consultar membros de equipas (p. ex., equipas multidisciplinares) e envolvimento parental e comunitário na reestruturação/reorganização escolar (p. ex., fomentar participação parental).

Ainda desempenhando diversos papéis e tarefas, usando como princípio orientador da sua ação uma perspectiva ecológica, essas tarefas incluem: defender/proteger alunos em risco e suas famílias; capacitar as famílias a partilhar as suas preocupações com os

responsáveis escolares, elaborar relatórios para as instituições comunitárias; Monitorizar /acompanhar os alunos envolvidos com múltiplas instituições/ serviços trabalhar com a comunidade alargada a fim de identificar e desenvolver recursos para melhor servir as necessidades dos alunos em riscos e suas famílias.

O assistente social como membro da equipa multidisciplinar da escola estão envolvidos em inúmeras atividades, que incluem a:

- Participação em conferências relacionadas com o comportamento dos alunos e progressos escolar, preparar uma avaliação desenvolvimental compreensiva e história social, como parte da avaliação multidisciplinar requerida;
- Prevenir rotulações inapropriadas dos alunos através da avaliação do comportamento adaptativo, antecedentes, “bagagem” cultural e fatores socioecómicos que possam interferir com a aprendizagem da criança ou ter impacto no seu comportamento na escola;
- Fornece aconselhamento individual e grupal aos alunos; Conduz atividades em sala de aula; Desenha, implementa e avalia programas escolares baseados na prevenção; Presta consultadoria aos professores.
- Promover a articulação com as instâncias do poder judiciário;
- Promover a articulação dos projetos sociais que são de iniciativas de outras políticas sociais e que têm como exigência a frequência escolar;
- Elaborar programas e projetos, em parceria com a equipa interdisciplinar de outras políticas sociais, que visem prevenir a violência doméstica, o uso de drogas as doenças sexualmente transmissíveis e infetocontagiosas e as restantes questões relativas à saúde pública e outras questões pertinentes;
- Investigar sobre as necessidades existentes na comunidade escolar, subsidiando a política de atendimento à criança e ao adolescente no município, tanto no que concerne à educação como noutras políticas sociais, através do contacto com os conselhos municipais setoriais (Sousa, 2015).

“Atuar na mobilização da sociedade civil organizada presente no território onde a escola está inserida, como por exemplo, associações de bairros, clubes de serviços, organizações não-governamentais, movimentos sociais, etc., com o intuito de ampliar o reconhecimento da importância da educação e de mobilizar a organização popular em prol da melhoria das condições de ensino, unindo esforços à luta dos educadores, entre outras”. (Carvalho, 2018, p. 94).

2.9. O papel que a escola pode desempenhar na prevenção do bullying

No que diz respeito à prevenção da violência escolar, Velez (2010, p.78) referindo Diaz-Aguado (2005) menciona que é necessário introduzir mudanças nas escolas. Essas mudanças passam por:

- Adaptar a educação às atuais mudanças sociais, implementando novas formas de colaboração entre a escola e a família, bem como com o resto da sociedade;
- Melhorar a qualidade do vínculo educativo e desenvolver o empowerment, distribuir o protagonismo académico por todos os alunos, permitindo, por exemplo, que cada um defina e desenvolva os seus próprios projetos;
- Desenvolver alternativas à violência, como a resolução de conflitos sem recurso à violência;
- Prevenir a intolerância e o sexismo;
- Educar para a cidadania democrática, melhorando a coerência entre os valores que se pretendem ensinar;
- Colocar à disposição dos professores os meios e as condições que permitam adaptar a escola à situação atual.

A escola tem de ter uma política de prevenção e intervenção eficaz contra o bullying. Beane (2011, p.29) afirma que “para que as escolas fiquem livres de bullying, os pais, os funcionários, o corpo docente do estabelecimento de ensino, os alunos e os representantes da comunidade devem trabalhar em conjunto”.

A Amnistia Internacional sugere que, para prevenir e/ou travar este fenómeno, cada escola deve “[...] adotar um conjunto de medidas claras e inclusivas, que tenham como núcleo a contribuição dos mais variados elementos da comunidade educativa (alunos/as, professores/as, assistentes operacionais, encarregados de educação, entidades parceiras...)” (AIT, 2016, p.18). É a partir desta base, participativa e colaborativa que se deve definir um plano de ação preventivo tendo em vista o combate ao bullying em cada contexto. Esta definição de políticas antibullying devem tanto fazer parte do currículo como do plano anual de atividades e do regulamento interno.

A escola tem um papel determinante na resolução do bullying, sendo fundamental

ser capaz de reconhecer que existe de facto um problema que precisa de ser solucionado. Conforme afirma Barros: “[...] há que reconhecer que a violência é um problema social e que a escola tem um papel fundamental na sua redução” (Barros, 2009, p.15). Também a OMS corrobora esta ideia: “Na tentativa de combater estes comportamentos e episódios é fundamental, que seja desenvolvido um trabalho na prevenção da violência nas escolas” (OMS, 2004, p.168). O reconhecimento da existência deste problema em contexto escolar é assim o ponto de partida para que se previna, intervenha, ou mesmo se trave possíveis comportamentos e ações violentas que possam ocorrer neste espaço (Pedro, 2007).

Capítulo III – Apresentação, análise e discussão dos resultados

Neste capítulo pretendemos apresentar, analisar e discutir os resultados obtidos através dos questionários e das entrevistas semi-estruturadas e refletir de acordo com os objetivos definidos.

3.1 Caracterização da instituição

A instituição que aceitou participar do nosso estudo foi a Academia do Johnson. Essa Academia é uma ONG, localizada no Bairro do Zambujal, que acompanha crianças e jovens oriundos de meios familiares vulneráveis. O trabalho da instituição assenta na educação como ferramenta transformadora. Através deste estudo pretendesse dar a conhecer o bullying racial existente nesses meios e quais as consequências que este terá na vida de cada um no futuro.

A Associação Academia do Johnson é o resultado da perseverança e dos ensinamentos que a vida deu a João Semedo, mais conhecido por Johnson. Nascido na Cova da Moura, Johnson teve um percurso de vida muito duro e adverso, com alguns comportamentos desviantes que o levaram inclusivamente a ficar recluso em estabelecimentos prisionais. Após ter mudado a sua vida há mais de dez anos atrás, Johnson focou-se em aplicar a sua experiência pessoal de forma a prevenir situações de risco para outros jovens em situações precárias. Graças ao desporto e à influência positiva que o Johnson tem sobre as equipas com quem trabalha, estes jovens têm conquistado o reconhecimento entre pares, mas também têm interiorizado valores de cidadania que lhes abrem novos horizontes e os podem levar mais longe como pessoas.

Pretende fornecer acompanhamento personalizado a crianças e jovens oriundos de meios familiares e sociais fragilizados, bem como às suas famílias veiculando valores humanistas, assentes nos princípios da justiça, equidade, liberdade, solidariedade e auto realização (Anexo I).

O acompanhamento será feito através de uma plataforma virtual que deverá ser atualizada diariamente por um membro do staff; Promover, em maior escala, o envolvimento familiar; Promover o empowerment individual e coletivo reforçando os processos identitários na pessoa, na família e na comunidade; Prevenir comportamentos de

risco e de delinquência juvenil, bem como todas as formas de violência, incluindo o bullying.

3.2. Caracterização da População Alvo e Amostra

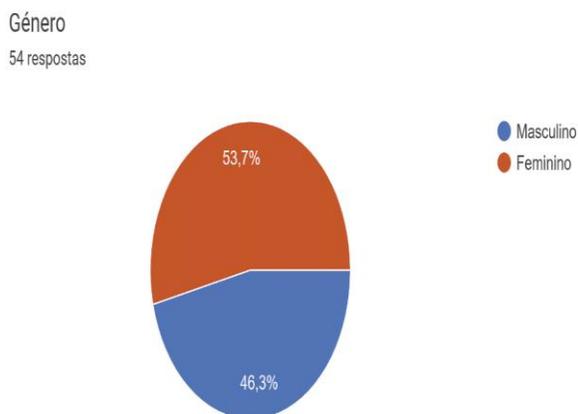
A população alvo para este estudo foi composta por 54 alunos, do 1º, 2º, e 3º ciclo do ensino básico e secundário, entre uma faixa etária dos 8 aos 15 anos. Não foi possível fazer a recolha de dados no estabelecimento escolar devido a falta de resposta por parte do Ministério da Educação, recorreu-se a uma instituição de solidariedade social, que acolhe crianças em idade escolar oriundos de famílias vulneráveis (Anexo II) (Coutinho, 2013).

A amostra corresponde “ao conjunto de pessoas de quem se recolherá os dados e deve ter as mesmas características das da população de onde foi extraída” (Coutinho, 2013, p. 89). Aplicando um erro amostra de 3%, o tamanho da amostra será constituído por 53 alunos, determinados por amostragem probabilística.

A Academia do Johnson apoia cerca de 200 crianças e jovens, e as suas respetivas famílias, conta com a colaboração de 6 monitores e 30 voluntários (Anexo III).

Aos participantes, nomeadamente os alunos, foi explicado a pertinência do estudo, os seus objetivos, a participação de índole voluntária e os princípios éticos envolventes na recolha, tratamento e divulgação dos dados.

Gráfico 1 - Género dos participantes

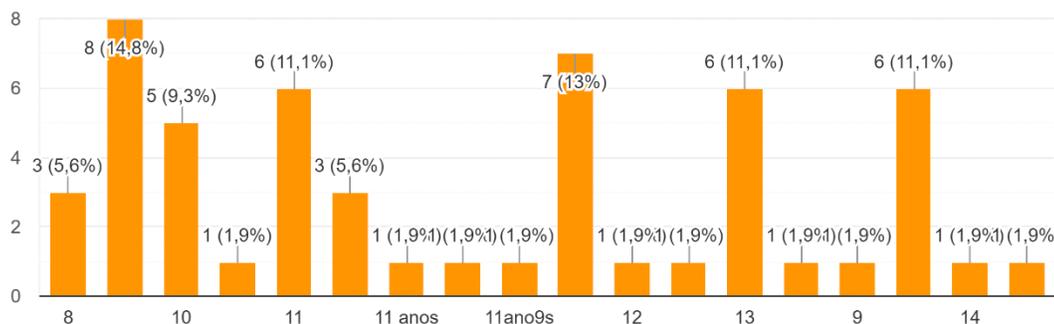


No gráfico 1, quando ao género, no total de 54 inquiridos responderam 53,7 % do sexo feminino e 46,3% do sexo masculino, ou seja, houve uma maior participação da classe feminina do que masculina.

Gráfico 2 - Idade dos participantes

Idade:

54 respostas

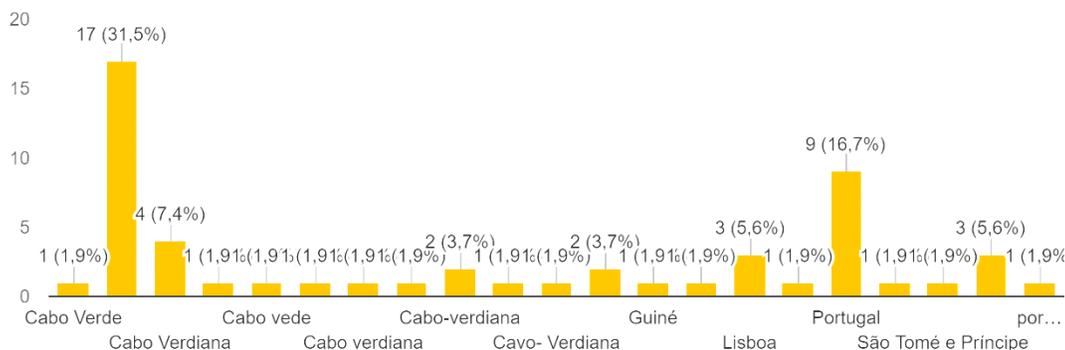


Relativamente ao gráfico 2 refere-se à idade dos inquiridos verificando-se a participação de crianças dos 8 aos 14 anos de idade como se pode verificar na tabela. Embora a predominância seja de crianças entre os 8 e dos 11 anos.

Gráfico 3 - Naturalidade dos participantes

Naturalidade:

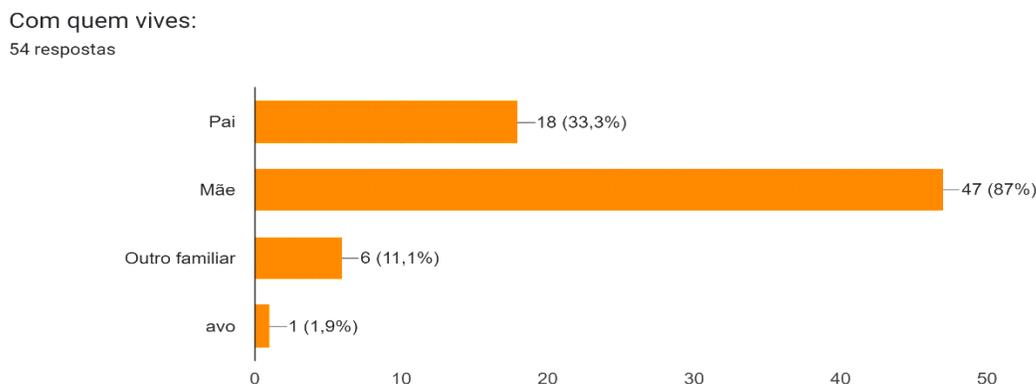
54 respostas



No que respeita à naturalidade dos inquiridos, como consta no gráfico 3 verificou-

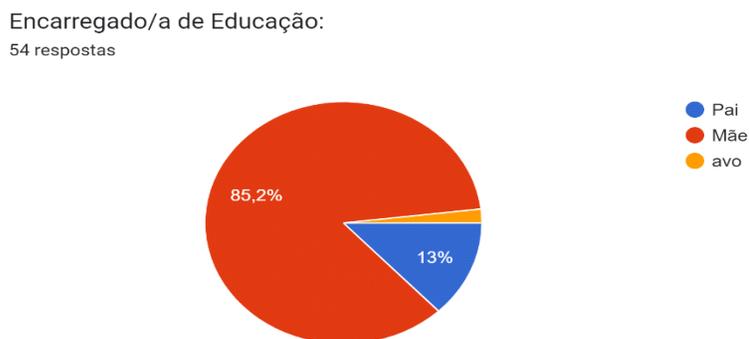
se que grande parte é natural de Cabo Verde, existindo em grande número 31,5%, seguido de nacionalidade portuguesa 16,7%. Verificou-se também que dos inquiridos existe uma percentagem mínima de pessoas da Guiné-Bissau e da São Tomé e Príncipe, ambos com 1,9%.

Gráfico 4 - Agregado familiar dos participantes



No gráfico 4, das crianças inquiridas verificou-se que grande parte das crianças e jovens reside com a mãe. No gráfico verifica-se que 47% vive com a mãe, 18% com o pai e o resto apontam que vivem com outros familiares, verificando-se na maioria de famílias monoparentais, ou seja, a maioria advém de famílias que vivem mãe e filho, o que subcarrega e acrescenta responsabilidade à mãe tais como os cuidados de alimentação, da higiene, acompanhamento escolar e por não dar conta de tantas responsabilidade por vez recorre a instituição para pedir ajuda, instituição tal como a do estudo.

Gráfico 5 - Encarregado de Educação na escola dos participantes



Neste estudo e segundo o gráfico 5 verificou-se que as crianças e jovens inquiridos que possivelmente fazem parte de famílias monoparentais e que vivem com a mãe, apresentam um valor expressivo no encarregado de educação de 85,2 % e que esse é a mãe, enquanto que 13% tem como encarregado o pai e uma minoria tem os avós, como encarregado de educação.

Os participantes do inquérito no que respeita a sua caracterização demográfica apresentam idades compreendidas entre os oito a catorze anos de idade, sendo 53,7 % do sexo feminino e 46,3% do sexo masculino, tivemos uma maior participação da classe feminina, a maioria é de naturalidade cabo-verdiana, e reside apenas com as suas mães tratando-se de famílias chefiadas apenas por mulheres /monoparental.

3.3. Análise e Discussão dos Resultados

3.3.1. Análise de Dados

Para a análise dos dados recolhidos, com a aplicação do questionário, foi utilizada o *software* informático SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) na sua versão 28.0.0.0.

O SPSS é uma poderosa ferramenta informática que permite realizar cálculos estatísticos complexos e visualizar os seus resultados em instantes. Constitui um auxiliar excelente para um investigador em ciências sociais e humanas que tenha procedido a uma recolha de dados quantitativos em que o objetivo da análise é descrever, relacionar ou mesmo contrastar hipóteses de investigação (Coutinho, 2013, p. 180)

Em relação aos dados e resultados obtidos através do questionário serão expostos em forma de tabelas, gráficos e quadros.

Neste ponto irão ser apresentados, analisados e discutidos os resultados obtidos, quer através dos questionários e das entrevistas, na perspetiva dos alunos e as perceções dos monitores, que permitiu abordar de uma forma subjetiva a problemática do bullying racial no contexto escolar. Para uma correta resposta à questão de partida, neste trabalho de investigação, foram entrevistados cinco profissionais como a tarefa de monitores de apoio às crianças e jovens.

Recorreu-se à técnica de análise de conteúdo para o tratamento dos dados recolhidos, que seguiu as seguintes fases:

1.º momento: primeiro tratamento do questionário, onde foram selecionados os

aspectos pertinentes e relevantes do discurso (Apêndice I).

2.º primeiro tratamento das entrevistas, onde foram selecionados os aspetos pertinentes e relevantes do discurso, sendo eliminadas as questões e as passagens dos discursos que não iam ao encontro do pretendido. (Apêndice II).

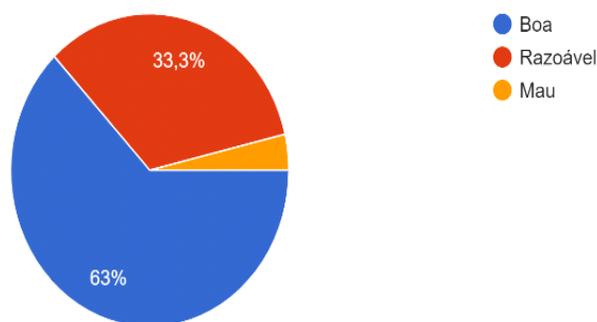
3.º momento: Transcrição das entrevistas onde foram selecionados os aspetos pertinentes e relevantes do discurso, sendo eliminadas as questões e as passagens dos discursos que não iam ao encontro do pretendido. (Apêndice II).

4.º momento: categorização do referido corpus com a sua distribuição por categorias e subcategorias, de acordo com a grelha de análise elaborada. (Apêndice IV) .

Mediante o questionário proposto, podemos perguntar se *o bullying racial no contexto escolar é uma realidade?*

Gráfico 6 - Convivência com os colegas

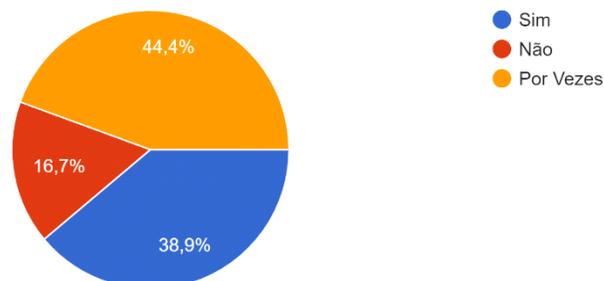
Como é a convivência na tua escola?
54 respostas



No gráfico 6, cerca de 63% das crianças e jovens relataram que a convivência na escola é boa, 33,3% responderam que na sua escola a convivência é razoável, e uma minoria responderam que a convivência entre os alunos é mau, ou seja, quer dizer que maioria dos alunos apreciam a convivência escolar.

Gráfico 7 - Conflitos na escola

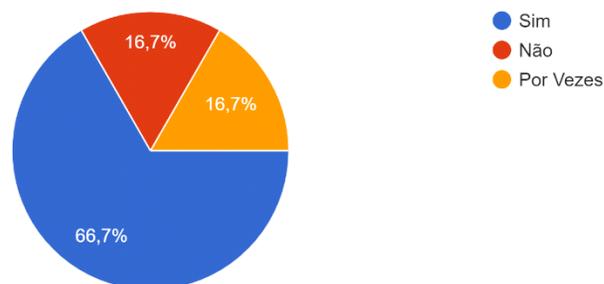
Existe algum tipo de conflito na tua escola?
54 respostas



O gráfico 7, refere-se aos jovens inquiridos no que respeita aos conflitos na escola, verifica-se que cerca de 44,4% das crianças e jovens responderam que por vezes existe algum tipo de conflito na sua escola, 38,9% responderam que sim que existe conflito na sua escola, e 16,7% das crianças e jovens responderam que não existe nenhum conflito na sua escola, quer dizer que os conflitos entre os alunos não acontecem sempre.

Gráfico 8 - Conflitos na turma

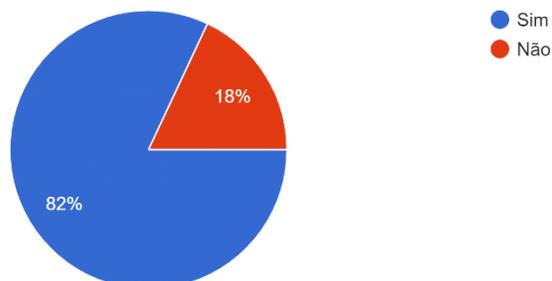
Você já notou algum conflito entre alguns alunos da tua turma?
54 respostas



Quando nos referimos que para além da escola, por vezes também existe dentro da própria turma conflito, os inquiridos responderam que cerca de 66,7% das crianças e jovens responderam que existe de facto algum conflito na sua turma, 16,7 responderam que não e o outros 16,7 responderam que por vezes surge algum conflito entre os alunos da sua turma, tal facto verifica-se no gráfico 8.

Gráfico 9 - Conhecimento de agressões na escola

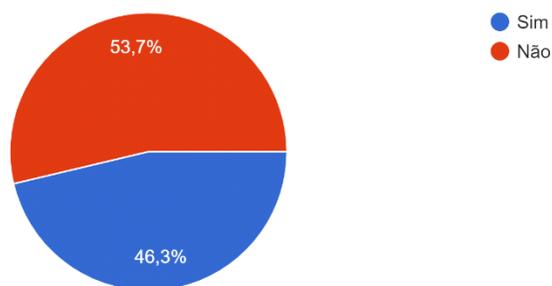
Conhece alguém que foi agredido ou insultado a qualquer momento por um colega ou aluno?
50 respostas



No que respeita ao gráfico 9, refere que geralmente conhecem alguém que tenha sido agredido física ou verbalmente por um colega cerca de 82% e apenas uma minoria 18% responderam que não conhecem ninguém que já foi insultado.

Gráfico 10 - Vitima de bullying por causa da cor da pele

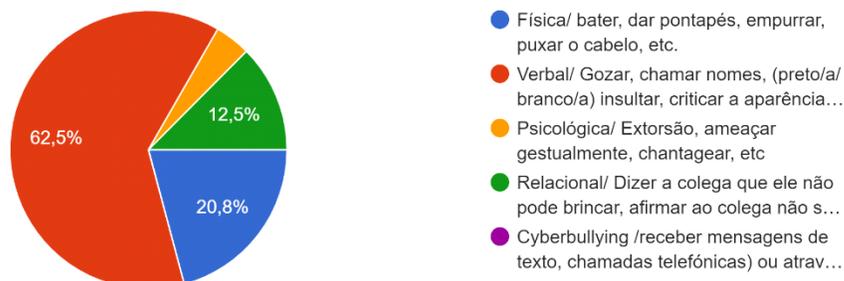
Alguma vez foste vítima de bullying devido a cor da tua pele na tua escola?
54 respostas



Durante o questionário foi questionado se haviam entre os inquiridos alguém que já tivesse sido vitima de bullying devido à cor da sua pele, cerca de 53,7 % das crianças e jovens relataram que não sofrem bullying devido à cor da sua pele e 46,3% diz que já sofreu bullying devido à cor da sua pele, como refere o gráfico 10.

Gráfico 11 - Tipos de bullying que se sofre na escola

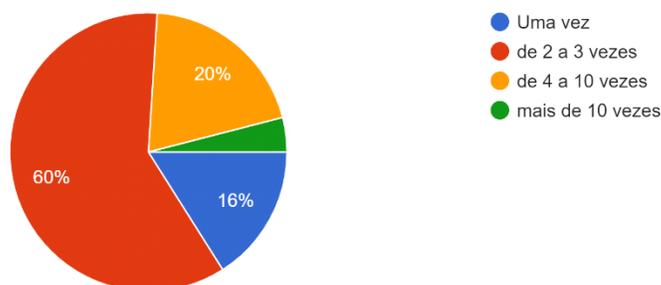
Se for sim, quais os tipos de bullying que sofreste na tua escola?
24 respostas



No gráfico anterior houve cerca de 46% a responder que já haviam sido vítimas de bullying, no qual a maioria 62% refere ter sofrido de violência verbal através de insultos, enquanto que 20,8% relata ter sofrido bullying fisicamente e 12,5% diz ter sofrido do bullying relacional.

Gráfico 12 - Frequência dos episódios de bullying

Com que frequência ocorreu esses episódios de bullying racial na tua escola?
25 respostas

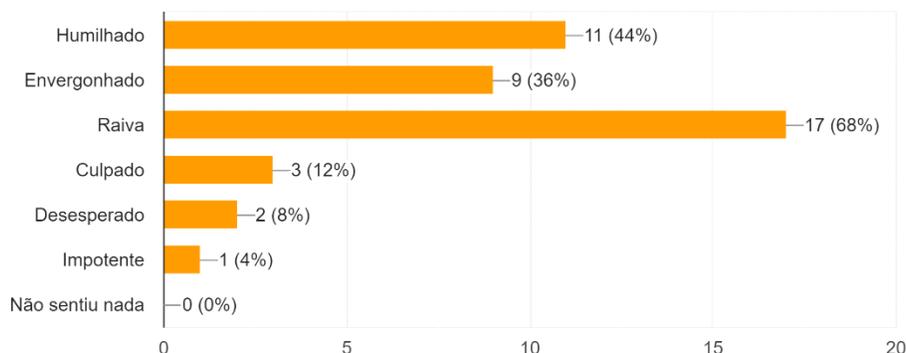


Aos inquiridos que responderam sim nas anteriores questões, tornou-se pertinente como consta no gráfico 12 questionar com que frequência ocorreriam essas situações na escola. Responderam 60% que já sofreu bullying pelo menos duas a três vezes, enquanto que 20% relatou ter sofrido o bullying pelo menos quatro a dez vezes, 16% relataram ter sofrido pelo menos uma vez e um minoria diz ter sofrido o bullying mais de dez vezes.

Gráfico 13 - Estado de espírito de quem é vítima de bullying

Como se sentiu?

25 respostas

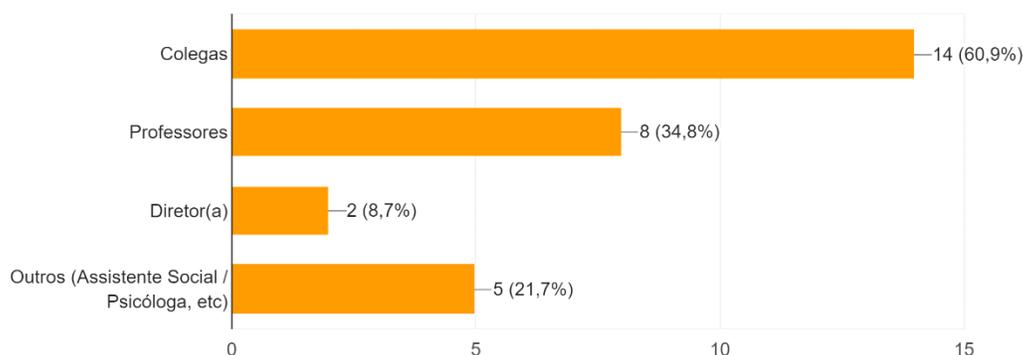


No gráfico 13, quando questionados os inquiridos sobre qual seria o seu estado de espírito após estes acontecimentos, cerca de 68% das crianças e jovens diz sentir raiva, 44% responderam que se sentiram humilhados e 36% diz ter sentido envergonhados.

Gráfico 14 - A quem foram comunicados os episódios de bullying

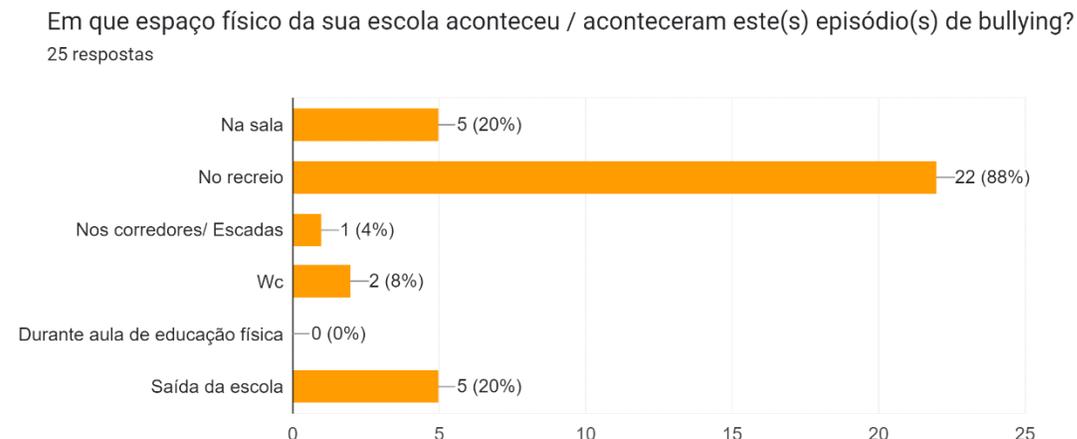
Com quem falaste primeiro sobre esses episódios de bullying na tua escola?

23 respostas



Através do gráfico 14, pode-se verificar que após as situações de bullying, as crianças e jovens sentem necessidade de falar, porém verifica-se que em vez de escolher alguém para tomar alguma acção sobre a situação, a maioria 60,9% comenta sobre os ataques são com os colegas significa que sente mais à-vontade com os colegas, 34,8% diz que falam com os professores, 21,7% diz procurar apoio a outros profissionais da escola.

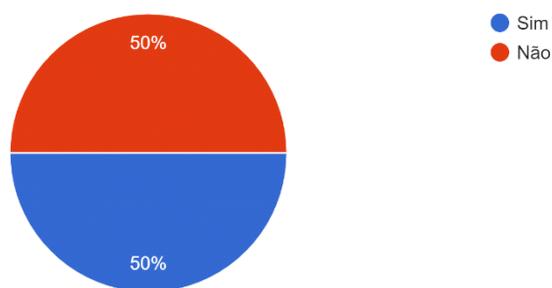
Gráfico 15 - Onde é praticado os episódios do bullying



Através do gráfico 15 podemos verificar que o sítio onde se perpetuam este tipo de ataques é no recreio, com cerca de 88%, 20% das crianças responderam que acontece na sala e também na saída da escola.

Gráfico 16 - Influência do bullying no aproveitamento escolar

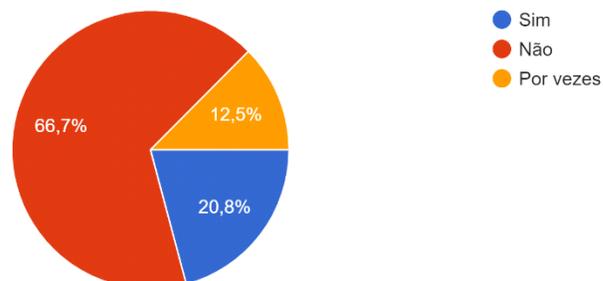
Sentiu-se prejudicado ou durante estes episódios de bullying teve baixo rendimento escolar?
24 respostas



Verificou-se que 50% das crianças que sofreram de bullying sentiram-se prejudicadas com o impacto da violência sofrido e outros 50% disseram que não se sentiram prejudicadas, embora tal fato prejudica-se quer seja física ou mentalmente. Pois, uma criança que vá para a escola pensar que logo à chegada vai sofrer qualquer tipo de represália, desde logo vai amedrontada, como refere o gráfico 16.

Gráfico 17 - Desistência da escola

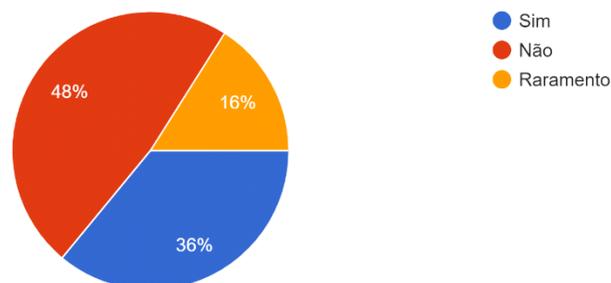
Pensaste em possibilidade de desistir da escola?
24 respostas



O gráfico 17 refere que após existirem situações de conflito, a maioria 66,7% responderam que não pensaram em desistir de estudar, 20,8 alegaram que pensaram em desistir da escola devido às humilhações sofridas e 12,5% afirma que houve dias que pensou em desistir.

Gráfico 18 - Relação com os outros colegas

Achas que afetou o teu relacionamento com os outros colegas da tua escola?
25 respostas



No gráfico 18 refere que cerca de 48% das crianças e jovens responderam que o facto de ter sido vítima de bullying isso não afetou o seu relacionamento com os restantes colegas, 36% diz sentir-se prejudicado no relacionamento com os colegas e 16% afirma que raramente isso acontece.

Gráfico 19 - Apoio dos colegas

Sentiste apoiado pelos os teus colegas?

31 respostas

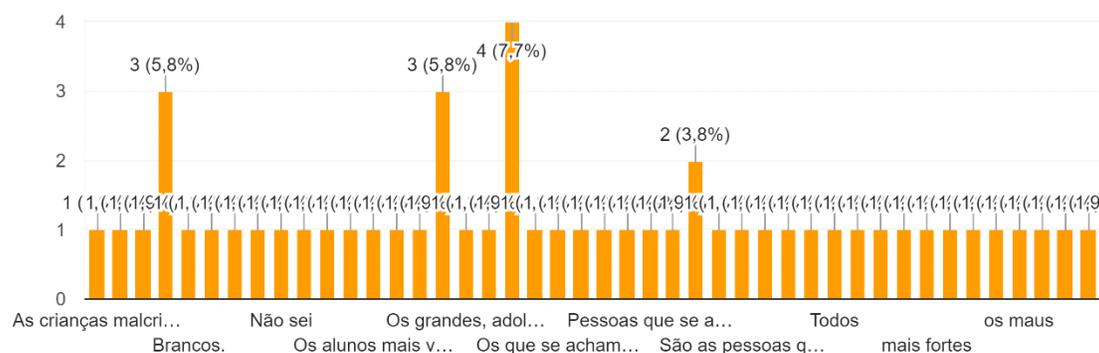


Quando nos referimos qual foi a atitude dos colegas perante situações de conflito, existem várias respostas porém cerca de 29% das crianças e jovens responderam que se sentiram apoiados pelos os colegas, como refere o gráfico 19.

Gráfico 20 - Praticantes do bullying

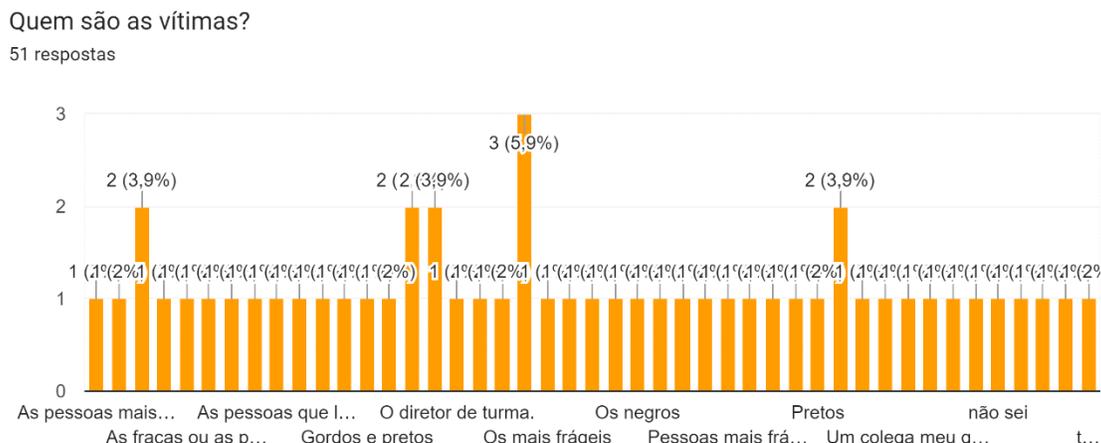
Na sua opinião, quem pratica mais o bullying?

52 respostas



Quando nos referimos no gráfico 20, quem pratica o bullying, verificamos através do gráfico que não existe um consenso, com grande maioria, apenas se destaca que é efetuado por adolescentes mais velhos ou por pessoas que se acham superiores.

Gráfico 21 - Tipos de vítimas



No gráfico 21, estas situações de conflito acabam por afetar as vítimas e tudo ao redor, mesmo como testemunha. Geralmente estes episódios de bullying, são perpetuados nos mais frágeis como se pode verificar no gráfico, seguidos da questão racial.

Gráfico 22 - Razão do bullying

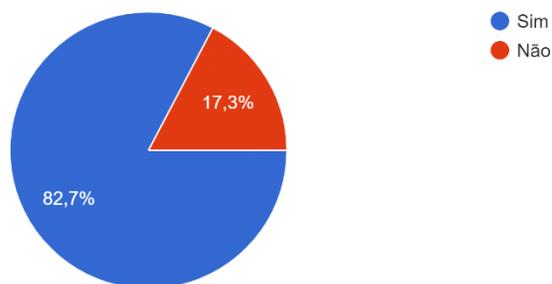


Estas situações de bullying acontecem porque os agressores e segundo refere Olweus (1978, 1987) menciona que os agressores pelo contrário têm confiança em si próprios e não têm medo, ao contrário das vítimas que tem uma baixa auto estima. Como

pode se verificar no gráfico 22 acham-se superiores.

Gráfico 23 - Capacidade da escola lidar com episódios de bullying

Na tua opinião, acha que a tua escola está preparada para lidar com as situações de bullying racial?
52 respostas



Por fim, como refere o gráfico 23 pretendeu-se saber se mediante situações de bullying, a escola de cada um dos inquiridos estaria apta para poder ajudar a vítima perante o agressor. A resposta teve uma maioria de 82% de afirmativa.

Verificou-se que 63% das crianças e jovens inqueridos são de opinião que a convivência na escola é boa, o que é positivo, porém verificou-se que 33,3% responderam que na escola a convivência é razoável, e uma minoria responderam que a convivência entre os alunos é má, mediante os resultados podemos referir que na escola existe uma necessidade de reflexão de forma a que a pretensão, é ajudar o aluno a ultrapassar problemas muitas vezes traçados do destino perspetivado, no meio familiar e social.

Relativamente à problemática do bullying racial nas escolas, cerca de 53,7 % das crianças e jovens inquiridos relataram que nunca sofreram com a questão do bullying racial devido à cor da sua pele, porém 46,3% diz que já sofreu o bullying racial devido à cor da sua pele, mediante uma situação destas pretende-se que não haja conflitos e preconceitos entre os alunos e que a escola deve ser inclusiva, tornando-se assim numa escola aberta, com capacidade para receber e incluir todas as diferenças. A escola só será considerada como a grande promotora do indivíduo, o grande local de mudanças de mentalidades e de um maior equilíbrio individual e social, se todos os agentes educativos, de espírito aberto, se envolverem de modo livre e responsável para instruir os alunos. Partilha-se ainda da

opinião que a escola terá de deixar de parte os modelos de ensino-aprendizagem centrados apenas no currículo, passando a dar mais importância a modelos centrados no aluno, tendo por base as suas carências educativas e características individuais, para poder acontecer a inserção total do aluno.

3.4 Conceito, causas consequências do bullying

Relativamente ao conceito de bullying as crianças demonstraram conhecimento acerca do tema, exemplificando através das seguintes narrativas: ” quando gozamos com alguém sucessivamente?; Sim, quando alguém bate nos outros várias vezes?; pessoas que te batem e são racistas; bullying é tipo uma pessoa chama a outra de gorda; Sim já riram da testa do meu colega; O bullying é insultar e bater; Dizer a alguém estrangeiro volta para a tua terra.

Todas estas questões são chamadas de bullying, o fato de se chamar a uma pessoa de preta ou branca feia é quando um grupo de pessoas bate em pessoas inocentes e arranjar briga sem motivo.

Todas estas questões foram apontadas pelos alunos. Os mesmos fizeram várias questões e deram a conhecer alguns fatores, que estão na origem de comportamentos e atitudes estereotipadas, que resulta na agressão física e verbal por norma dos mais fortes para as crianças que demonstram maior vulnerabilidade, e com características específicas tais como: crianças baixas, com excesso de peso, com o tom de pele diferente e devido as fracas condições socio económica das suas famílias.

Relativamente às consequências traumáticas do bullying, as crianças e jovens responderam que causa “tristeza; citaram alguns exemplos como: fica solitária; pode trazer perda de amigos e problemas; eu acho que ela pensa em não ir mais a escola, acho muito triste. Essas situações do dia-a-dia na escola, segundo os inquiridos fazem com que muito deles perca o interesse nos estudos levando a que desistam da escola. Todas estas situações faz com que as crianças manifestem sentimentos de tristeza e de mau-estar perante diferentes situações. De salientar que as crianças desenvolvem comportamentos distintos perante as situações de contrariedade. Enquanto algumas crianças encontram alternativas para a situação de mau estar, outras não encontram soluções ficando tristes e até numa situação de exclusão / isolamento do grupo. Estas crianças são as que apresentam maior

probabilidade de se distanciarem do grupo e de acabarem por ser discriminadas pelo mesmo, levando também ao bem conhecido insucesso escolar.

Em relação à reação dos professores e da escola as crianças alegam que cada docente reage de forma diferentes em relação à problemática do bullying sendo que as atitudes mais frequentes são: ralar com o aluno que provocou a situação; mandar para rua e marcar falta disciplinar; reagir mal; colocam de castigo; suspensão e conversam com os alunos. Relatam que ainda que existem professores que não dão importância a situação as vezes por falta de interesse ou do conhecimento do caso.

Em relação aos encarregados de educação, cada um reage de forma diferente, e demonstram o seu desagrado com a situação, alguns deles chegam a referir que se a situação continuar mudam o seu educando para outra escola, outros preferem procurar a escola para esclarecer o problema, porém alguns encarregados de educação aconselham o seu educando, que perante uma situação de bullying racial com violência / agressividade responda de igual modo. Na opinião dos inquiridos a maioria referiu que os casos de bullying estão a aumentar e que isso depende de políticas educativas de cada país, acrescentam ainda que não se percebe porque em pleno século XXI, ainda existe uma mentalidade vazia, que põe em causa a convivência entre os seres humanos.

Tanto técnicos, como os próprios alunos fizeram questão de deixar sugestões de como combater o bullying nas escolas, tais como um maior acompanhamento policial, ajuda psicológica para quem sofre e quem pratica esses maus tratos, ajudar os alunos a interagirem uns com os outros, dialogar mais com os alunos.

3.5 Análise das entrevistas

Em relação ao bullying racial nas escolas o presidente da IPSS realça o seguinte: “De uma forma geral acho que é um tema atual, importantíssimo e que de acordo com o meu ponto de vista não deveria apenas falar do bullying racial entre os colegas, já que é do conhecimento de todos que este tipo de violência acontece entre os miúdos, portanto é altura de arranjar mecanismo dentro do próprio sistema escolar e das várias organizações, instituições e associações para trabalhar este tipo de violência que muitas vezes acontece em silêncio e que só damos conta quando a situação já está fora do controlo, porque muitas vezes a criança não comunica com os pais, e se nos os agentes da educação não estivermos atentos e tentar ler e perceber os sinais que eles dão, lá esta, só quando acontece algo inesperado que todos começa a reagir acusando uns aos outros de falta de

políticas severas nas escolas”.

Enquanto mestranda compreendo que por vezes, as atuais políticas que promovem a inclusão na realidade os resultados não aparecem, pois até alguns encarregados de educação promovem a desigualdade e distanciamento social entre as crianças. O presidente da Instituição realça o seguinte: “no futebol, um exemplo, quando vamos jogar a bola com outras equipas intercambio que as crianças costuma participar, e da bancada uma mãe ou um pai grita da bancada não deixa o preto jogar mas que tu, independentemente da idade a criança percebe e tem a consciência que foi vítima de um ato de racismo e claro que isso gera um revolta uma frustração e tanta que a criança para se defender eles agridem uns aos outros. Fico muito triste ver pessoas, pais com este tipo de atitude, em relação a criança, tentamos acalmá-lo, e chamar-lhe a razão que não é a cor da sua pele que o define e que existe várias maneiras de resolver situações sem usar a violência. Ele é muito mais do que isto”.

É importante que os pais tenham consciência de que o ato racial pode ter consequências graves para as crianças, que podem sofrer experiências traumáticas, como isolarem-se dos outros, ter comportamentos depressivos, dificuldades em interagir com pessoas da sua comunidade perder interesse pelos estudos, ter crises de ansiedade.

Segundo o próprio Presidente, a academia nasceu em 2014 e tem feito a diferença na vida daqueles que por ali passam, ele mesmo apostou na sua experiência de vida para atuar na prevenção de situações de risco de jovens que vivem em bairros problemáticos de Lisboa, com o objetivo de valorizar e de potencializar as crianças.

Segundo o Presidente, o grande problema das escolas é o corpo docente da mesma, são professores, que não tem qualificação nenhuma, falta-lhes sensibilidade, e paciência. Na opinião do presidente todo o sistema escolar e as famílias precisam de mais mecanismos e ferramentas para lidar com as situações. A família precisa de ser mais trabalhada, e é lá que está toda a entrelinha porque se as crianças não tiverem bases, valores primordiais de convivência e de boas condutas em casa a sua inclusão na escola e na sociedade fica comprometida.

Outra situação relatada pelo o Presidente é que durante uma sessão sobre o tema no qual abordou o bullying racial, houve uma criança de nove anos que chamou-me atenção ao dizer que não quer ir mais a escola, e questionado o porquê, ele disse que não quer ser gozado, chamaram-lhe de cor de coco e insultaram a mãe dele, é uma criança que apresenta crise de ansiedade, inventa que esta doente só para não ir a escola, e eu como pai

e educador preocupa-me imenso com isso porque não vejo a escola preparada para dar respostas a esses casos, os professores falam o mesmo, que vão falar com os pais destas crianças e que vão falar com os alunos na sua de aula e se não houver uma mudança a escola vão tomar medidas”.

Para a monitora, a abordagem do bullying racial é muito importante visto que “é um problema que afeta as crianças e jovens e não só, afeta também toda a família, temos alguns pais que chegam aqui revoltados perdidos e não sabe o que fazer. Por isso acho que devem trabalhar esta problemática e criar soluções logo para evitar danos na vida dessas crianças, visto que estão constantemente com medo, inseguros, angustiados, tristes e isso pode afastar o aluno da escola, isso tem grandes chances de resultar não só na queda de rendimento escolar mas também no próprio abandono escolar, e desenvolverem outros problemas graves tais como: insónias, pesadelos, sentir dores de cabeça, no estômago e ou ter tontura, e com o tempo, doenças mais graves podem se desenvolver, como distúrbios alimentares e gastrite”.

Perante um diagnóstico de bullying racial, a academia enquanto instituição intervêm prestando apoio à vítima, conversando, incentivando a comunicação entre as crianças porque tudo se resolve com diálogo, e fazê-lo entender que cada individuo tem as suas características próprias e que somos todos iguais e diferentes ao mesmo tempo.

Na perceção do monitor “o bullying racial” é um tema atual e deve-se falar sempre, à que tomar medidas de prevenção no combate ao bullying para evitar mais casos e sofrimentos, porque as crianças vítimas deste sentem-se envergonhadas e humilhadas e inventam uma serie de doenças para não ir a escola, e no final tem notas baixas, fraco desenvolvimento escolar o que leva à desistência escolar. Sendo que para o monitor o bullying racial pode causar nas vítimas ansiedade, stress, sintomas psicossomáticos, baixa autoestima, depressão e até mesmo chegando as últimas consequências o suicídio.

“Perante a situação, a nossa equipa trabalha como objetivos de incentivar a solidariedade, a empatia, generosidade e o respeito às diferenças através do diálogo e tentar aumentar a sua autoestima. Para o monitor o aluno que sofre bullying, principalmente quando não pede ajuda, enfrenta medo e vergonha de ir à escola. Pode querer abandonar os estudos, não se achar bom para integrar o grupo e apresentar baixo rendimento escolar. E às vezes as vítimas que sofrem o bullying em alguns casos com o passar do tempo, ela poderá

a ter pensamento de vingança e de suicídio, comportamentos agressivos e violentos que são prejudiciais a ele próprio ou até à sociedade”.

A gestora destaca que:

“a temática do bullying é antiga e ao longo dos anos, décadas, apenas tem seu nome alterado, pois em essência é a mesma agressão. É frequente no seu trabalho lidar com situações em que uma criança relata episódios de bullying sofrido na escola devido a cor da sua pele. Não é muito frequente, infelizmente algumas crianças já vêm como algo corriqueiro no seu dia a dia. Mas comenta com o presidente sobre episódios de bullying racial sofrido na escola devido a cor da sua pele. Perante uma situação de bullying a criança fica desmotivada, triste e diminuída em relação aos demais. Tento ajudar fazendo-o perceber que as diferenças fazem parte do cotidiano de todos e que a cor da pele não define quem ela/ele é. Que as ações, o saber estar, e saber ser, são de facto a quem ira determinar o seu futuro”.

Para a gestora, o bullying surge de uma crença equivocada ou erudito de que certos grupos de pessoas merecem ser tratados de forma diferente ou com menos respeito, que pode desencadear consequência psicológicas como depressões, ansiedade, sentimento de inferioridade, assim como também pode desencadear crimes de ódio para quem sofre.

4. Estratégias de Intervenção da Escola e do Assistente Social

De acordo com Sharp e Smith (1994), antes de qualquer tipo de intervenção, é necessário proceder-se a um diagnóstico da situação – quantidade de incidentes, número de alunos envolvidos, áreas de bullying – a partir do qual se pode motivar a gestão da escola e todo o pessoal a agir contra o bullying e participar na definição de estratégias de combate aos comportamentos agressivos na escola (cit in Marques, 2000).

A intervenção é a fase que depois de elaborado o diagnóstico prévio se operacionalizam as ações e as medidas previstas. A primeira abordagem do assistente social é sempre realizada na família. Inicialmente com contacto telefónico para marcação de atendimento, ou carta registada caso o contacto telefónico não resulte ou seja impossível. Na base desta intervenção social, há teorias com as quais nos identificámos no trabalho com os alunos e famílias. A teoria geral dos sistemas que enquadra a família —num

complexo sistema de energias interdependentes dos contextos físico e biológico. O efeito desta interação família-ambiente é o estabelecimento de um sistema em que as partes e o todo são solidários (Alarcão, 2002, p. 127).

Olweus (1993), refere que as Políticas Educativas da Escola são a forma mais adequada de promover qualquer mudança na escola. Nesta perspectiva toda a comunidade educativa é envolvida na discussão e resolução de problemas. Segundo Freire (1998), este tipo de abordagem das situações provoca um sentimento de pertença no processo de mudança tendo como objetivo a criação de um determinado ambiente na escola, ou seja, um clima de partilha de valores e de atitudes por parte dos membros da comunidade escolar (cit in Marques, 2000). Neste sentido, também é essencial que não se coloquem à margem os espaços de recreio pois, segundo a literatura estes traduzem-se num local onde existe uma margem de risco, tal como se pode verificar neste estudo, o recreio é precisamente o local onde ocorrem esses episódios de conflito. A probabilidade de ocorrência de acidentes é permanente. Contudo, analisando alguns dos acidentes ocorridos nos recreios sabemos que muitos deles seriam perfeitamente evitáveis.

A abordagem feita pelo assistente social escolar é necessariamente diferente da utilizada pelos outros técnicos e agentes educativos. Mas isso não significa, que tenha um papel de maior ou menor importância que os demais profissionais. Não obstante, é detentor de saberes próprios e de um olhar diferente das problemáticas dado que, a comunidade educativa encontra-se exposta e permeável às várias problemáticas que afetam os alunos e suas famílias. No seguimento destas questões, podemos realçar a importância de intervir precocemente ao se detetarem e encaminharem as situações problema. Por isso, é imprescindível que as funções e papéis desempenhados pelos diferentes profissionais dentro da escola sejam clarificados e considerados não só nas suas funções, mas também, no tipo de problemas sinalizados para acompanhamento.

Considerações Finais

O início da história da investigação sobre bullying remonta ao final da década de 1960, sendo considerado ao longo deste percurso como um problema complexo, grave e por vezes difícil de prevenir, identificar e combater. Enquanto fenómeno de escala mundial e sob o ponto de vista social, científico e pedagógico, este continua a ser uma problemática causadora de apreensão na sociedade e que de certa forma, representa uma ameaça para a democracia. Com características muito próprias, salientando-se, a repetida vitimização, traduzida por uma série de ações e não de um ato isolado, este tipo de crime define-se ainda pelo impacto, pelo medo e insegurança que provoca nas vítimas, desde os danos físicos e psicológicos graves, levando mesmo a diversas incapacidades, impondo profundas alterações a diversos níveis na vida e até mesmo à morte.

As escolas têm o poder e devem ter os meios necessários para criar comunidades abertas e solidárias, combater as atitudes discriminatórias, construir uma sociedade inclusiva, tendo como meta a educação para todos. Além da família, a escola desempenha um papel fundamental na educação e socialização das crianças, ajudando-as a descobrir regras e valores sociais.

Neste estudo verificou-se que, os resultados obtidos iam ao encontro da literatura e das investigações realizadas por diferentes autores. Assim sendo, no que respeita ao género, vemos claramente que os rapazes são em grande maioria o género mais exposto aos comportamentos de bullying, quer no que respeita a vítimas, quer no que respeita a agressores.

Por outro lado, quando olhamos para as faixas etárias, verificamos também que os rapazes mais novos (12 anos) são o maior alvo das agressões, e os rapazes mais velhos (15 anos) são os que tendem em agredir. Isto significa que a idade tem alguma influência no facto de ser ou não vítima – as idades mais altas são menos atingidas e as mais baixas (12/13 anos) as mais atingidas. Em termos gerais, quanto à temática alvo do estudo, podemos dizer que conseguimos chegar a ideias claras dos objetivos propostos inicialmente. Apesar da nossa amostra não ser muito significativa, em relação ao total de alunos da escola, conseguimos obter resultados que nos permitiram retirar conclusões

concretas e muitas delas que comprovamos pelo nosso dia a dia na escola. Existiram algumas dificuldades no decurso deste estudo, nomeadamente em conseguir reunir um conjunto de alunos fiável como amostra, que permitisse chegar a resultados viáveis.

Os jovens vítimas de bullying racial tem o seu desenvolvimento escolar afetado pois, os efeitos nas vítimas e famílias são preocupantes, dolorosos e angustiantes. Pensamentos, sentimentos, comportamentos afetam as vítimas podendo repercutir no futuro por uma forma completamente destrutiva. A superação dos traumas causados pelo bullying pode ou não ocorrer dependendo das características individuais das vítimas, assim como de sua capacidade de relacionamento consigo mesmo e com o seu meio.

Nesse sentido, consideramos o contexto escolar um espaço contributivo outorgador de novas possibilidades de existência. A escola necessita atender a necessidades de instrução, educação, socialização e crescimento dos educandos, pondo em evidência algumas competências, através de métodos de intervenção.

Relativamente aos métodos de intervenção, não se pretende que todas as escolas adotem as mesmas estratégias de melhoramento e dinamização dos seus recreios, mas sim que, de acordo com os principais interesses, melhorem os recreios tornando-os estimulantes para todos os alunos. Os planos de intervenção devem respeitar o tempo e as características das famílias: os ritmos e os espaços das pessoas. Não é o meu ritmo, não é o meu espaço, mas o deles, a escola carece assumir sua função de ambiente acolhedor, pacífico e de aprendizagem. Para além das questões da prática profissional e da interação dos técnicos com os principais atores, dentro e fora da escola e que podem constituir-se como facilitadores ou entraves à intervenção, há ainda outras potencialidades e constrangimentos do contexto institucional. Possibilita-nos intervir precocemente nas situações, num trabalho social mais individualizado e regular pois técnicos e alunos partilham o mesmo espaço.

Com este estudo, pensamos ter contribuído para a relevância das perceções sociais que os jovens apresentam face a situações de bullying, sobretudo a forma como caracterizam a vítima e os agressores, os sentimentos que lhe atribuem, e também a solução que idealizam para o problema

Em suma, os resultados da pesquisa, por um lado, permitiram verificar e compreender se o bullying racial afeta o percurso escolar e o desenvolvimento dos alunos, bem como a sua capacidade de relacionamento com outros após a perpetuação dessas

situações e qual é o apoio que tem quer seja na escola ou em casa mediante esta situação de conflito.

Acresce que os resultados permitem inferir algumas orientações para a intervenção e proporcionam excelentes pontos de apoio para a mesma, satisfazendo assim um importante desígnio da pesquisa. Entretanto, tratando-se de uma pesquisa que, na sequência da deteção de uma necessidade social, se foca numa instituição de intervenção social e se apoia num instrumento aqui usado pela primeira vez, os resultados, naturalmente, não são generalizáveis; porém, proporcionam apoio na aproximação à compreensão e ao desenho da ação educativa em escolas com dinâmicas de violência semelhantes e inscritas em contextos semelhantes.

Recomendações

Apresentadas as considerações finais, sugerem-se algumas recomendações que possam contribuir para a diminuição da agressividade e violência, que apesar de serem muito divulgadas e vividas socialmente, na sociedade e através dos meios de comunicação social, vive-se em constante agitação de conflitos que desde cedo, estão presentes nas nossas vidas. Mas quando exagerada, a agressividade torna-se patológica, incomodando não só as vítimas, como os agressores.

O presente estudo, apesar de confirmar alguns dados obtidos em outras investigações, possibilitou desenvolver novas perspetivas relativamente à necessidade de observar mais concretamente o ambiente educativo, quer na questão das vítimas como na questão dos agressores.

A avaliação e intervenção precoces são importantes para que a prevenção se inicie o mais rápido possível e para que as identificações dos problemas de comportamento, na comunidade educativa e familiar, são importantes para o seu efeito.

Recomenda-se, assim a existência de palestras de sensibilização referentes ao bullying bem como a forma de lidar com o mesmo, quer ao nível familiar, escolar e comunitária.

Referências Bibliográficas

- Abramovay, M. (2006). *Cotidiano das escolas: Entre Violências*. Unesco.
- Alexander, J. (2007). *A Agressividade na Escola. Bullying - Um Guia Essencial para Pais*. Editorial Presença.
- Almeida, A. (1995). Aspectos Psicológicos na vitimização da escola: contributos para a identificação do problema. *Avaliação Psicológica: formas e contextos*,3, pp. 525-540.
- Almeida, A. S. (2009). *Bullies, vítimas, bullies-vítimas e bystanders: a empatia e a regulação emocional da auto-eficácia*. Dissertação de Mestrado. ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Amado, J., & Freire, I. (2002). *Indisciplina e Violência na Escola. Compreender para prevenir*. Edições Asa.
- Azevedo, E. (1987). *Raça: Conceito e Preconceito*. Edição Ática.
- Azevedo, M. (2011). *Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares*. Universidade Católica Editora.
- Azevedo, S. (2004). *A violência nas escolas como resultado dos problemas de inadaptação social*. Universidade Portucalense.
- Bandeira, C. M. (2009). *Bullying: Autoestima e Diferenças de Gênero*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Barros, M. (2009). *Violência Escolar ou Escola Violenta? Contributos da Reflexão para a Administração e Gestão* Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa.
- Behrens, M. A (2006). *Paradigma da Complexidade: Metodologia de Projetos, Contratos didáticos e Portifólios*.
- Benitez, J. L., & Justicia, F. (2006). Bullying: description and analysis of the phenomenon. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, nº 9, pp. 151-170.
- Besag, V. (1989). *Bullies and Victims in Schools*. Open University Press.
- Carita, H. (2008). *Bullying em contexto escolar, participação como método preventivo numa comunidade com história - Quinta do Loureiro, Vale de Alcântara*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Carra, C. (2009). *Violences à l'école élémentaire - L'expérience des élèves et des*

- enseignants*. Presses Universitaires de France.
- Catarina, M. (2019). *Relatório sobre Racismo, Xenofobia e Discriminação Étnico-racial em Portugal*. Assembleia da República.
- Coutinho, A. (2012). *Serviço Social e Família: As Contribuições da Atuação Profissional do Serviço Social Para a Efetivação da Participação Familiar no Acompanhamento Educativo*. In: Silva, J.(coords.), *Serviço Social na Educação: Teoria e Prática*.
- Coutinho, C. P. (2013). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Edições Almedina S.A.
- Crochik, J. & Crochik, N. (2006). Preconceito e Desempenho: As Classes Escolares Homogêneas. *Revista Científica*. n. 7, n. 2, pp. 313-331.
- Fante, C. (2005) *Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência das Escolas e Educar Para a Paz*. Revista.
- Ferrão. C. (2002). Sociedade, Cotidiano Escolar e Cultura (s): Uma Aproximação. In: Educação & Sociedade. *Revista de Ciências da Educação*. Centro de Estudos Educação e Sociedade. n. 79, pp. 125-161.
- Ferreira, R. (2016). *O Fenômeno do Bullying: Perspetivas no Meio Escolar Português*.
- Fonseca, I. (2007). *Bullying e Violência Escolar em Países Europeus Elementos Comparativos*. Dissertação de Mestrado em Educação. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa.
- Fontaine, R. & Réveillère, C. (2004). *Le Bullying (ou Victimisation) en Milieu Scolaire: Description, Retentissements Vulnérabilisants et Psychopathologiques*. *Annales Médico Psychologiques*. n. 162, pp. 588-594.
- Freitas, D. (2016). *Resiliência Perante a Violência Social: Perfis de Ajustamento e Mecanismos de Proteção*. Tese Doutorado Apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.
- Giddens, A. (2005). *Sociologia*. Artmed, p. 209.
- Gonçalves, L.& Silva. B. (2002). *O Jogo das Diferenças: O Multiculturalismo e Seus Contextos*. Autêntica.
- Grawitz (1986). *Methodes des Sciences Sociales*. Dalloz, p. 610.
- Heller, A. (1992). *O Cotidiano e a História*. Paz e Terra.

- Itani, A. (1998). Vivendo o preconceito em sala de aula. *In: Aquino, J. (org.) Diferenças e preconceitos na escola: Alternativas teóricas e práticas*. Summus, pp.119-134.
- Kuhlkamp, M. (2015). *Bullying Racial: A Cor do Preconceito e a Discriminação Latente nas Escolas*. Pós-graduação em Educação das Relações Étnico. Campo Largo. Universidade Federal do Paraná.
- Marques, A. (2001). A Intervenção no Recreio e a Prevenção de Comportamentos antissociais. *In. B. Pereira, A. P. Pinto (Eds.). A Escola e a Criança em Risco-Intervir para Prevenir*. pp. 183-195. Edições ASA
- Marques, A. R. & Neto, C. (2000). “Características do recreio escolar e os comportamentos agressivos das crianças”. Congresso Internacional: *Os Mundos Sociais e Culturais da Infância*. Instituto Estudos da Criança e Universidade do Minho.
- Matos, M. G. de & Carvalhosa, S. F. (2001). “Violência na escola: vitima, provocadores e outros”. *Aventura Social & Saúde*. Faculdade de Motricidade humana.
- Nansel, R. (2001). al. Bullying Behaviors Among US Youth: Prevalence and Association With Psychosocial Adjustment. *Journal of the American Medical Association*, v. 285, n.16, pp. 2094-100.
- Oliveira, F. & Votre, J. (2006) *Bullying nas Aulas de Educação Física*. *Movimento*. n. 02, pp. 173-197.
- Olweus, D. (1977). Aggression and peer acceptance in adolescent boys: Two short-term longitudinal studies of ratings. *Child Development*, n. 48, 1301-1313.
- Olweus, D. (1978). *Aggression in the schools: Bullies and whipping boys*. Hemisphere.
- Olweus, D. (1987). *Bully/victim problem among school children in Scandinavia: Research and a nationwide. Campaign in Norway*.
- Olweus, D. (1989). Prevalence and incidence in the study of Antisocial Behavior: Definitions and Measurements. In M. Klein. *Cross-National Research in Self-Reported Crime and Delinquency*. Dordrecht, The Netherlands. Erlbaum. Vol.50, pp.187-201.
- Olweus, D. (1991). Bully/victim problems among schoolchildren: Basic facts and effects of a school based intervention program. *The development and treatment of childhood aggression*. Erlbaum, pp. 411- 448.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at School*. What we know and what we can do. Blackwell.

- Olweus, D. (1993). *Victimization by peers: antecedents and long-term outcomes*, In Rubin, K.H. & Asendorff, J.B. (Eds), *Social Withdrawal, inhibition and shyness*. Hillsdale. Erlba.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Blackwell.
- Olweus, D. (1995). *Brimades et Brutalités entre Élèves: Données de Basse et Programme d'Intervention à l'École*, in *Perspectives*. Vol. XXV, 1, pp. 145-151.
- Olweus, D. (1995). Bullying or peer abuse at school: facts and intervention. *American Psychological Society*.
- Olweus, D. (1996). Les Problèmes de Brimades à l'École, *Perspectives*. Vol, XXVI, n.2, pp.352-382.
- Ortega, R. (1994). Investigaciones e experiencias – violencia interpersonal en los centros educativos e enseñanza secundaria, un estudio sobre maltrato, intimidación entre compañeros. *Revista de Educación, n.1*, pp. 253-304.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldeman, R. (2006). *Desenvolvimento humano*. Artmed.
- Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pereira, B., Silva, M., & Nunes, B. (2001). *Descrver o Bullying na Escola: Estudo de um Agrupamento de Escolas no Interior de Portugal*. *Diálogo Educação Curitiba*, n. 28, pp. 455-466.
- Pereira, B.; Almeida, A. & Valente, L. (1994). “*Projecto bullying: análise preliminar das situações de agressão no Ensino Básico*”. Comunicação apresentada no 6º Encontro Nacional de Ludotecas e Espaços de Jogo ao Ar Livre.
- Pereira, M., & Silva, B. (2008). *A Tecnologia Vista Pelos Jovens e Famílias e sua Integração no Currículo*. Comunicação apresentada IV Colóquio Luso-Brasileiro Sobre Questões Curriculares.
- Pereira, M., & Silva, B. (2009). *A tecnologia sob o olhar de jovens e famílias: usos, valores, competências e o factor divisão digital*. Comunicação apresentada VI Conferência Internacional de TIC na Educação - Aprendizagem (In)Formal na Web Social.
- Pierucci, F. (1990). *Ciladas da Diferença*. *Tempo Social*. nº 2, pp. 7-33.
- Porter, L. (2007). *Student behaviour: Theory and practice for teachers*. Allen and Unwin.
- Porter, W., Plog, A., Jens, K., Garrity, C., & Sager, N. (2010). *Bully-Proofing Your*

- Elementary School. Creating a Caring Community. In S. Jimerson, S. Swearer & D. Espelage. *Handbook of Bullying in Schools. An International Perspective* pp. 431-440. Routledge
- Prodanov, C. & Freitas, C. (2013). *Trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*.
- Quivy, R. & Campenhoudt. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Edição Gradiva.
- Relatório Anual de 2018. *Igualdade e não discriminação em razão da origem racial e étnica, cor, nacionalidade, ascendência e território de origem*. Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial.
- Serrate, R (2014). *Lidar com o Bullying na Escola: Guia para Entender, prevenir e interferir no Fenómeno da Violência entre Pares*. Bookout, Lda.
- Sousa, M. (2017) *Características e prevalência do fenómeno do Bullying nos alunos do 3º ciclo, a frequentar escolas públicas e privadas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação. Universidade Católica Portuguesa.
- Trindade, A. (1994) *O Racismo no Cotidiano Escolar*. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro. Instituto de Estudos Avançados em Educação. Departamento de Psicologia da Educação.

Apêndices

Apêndice I - GUIÃO

Questionário sobre a problemática do bullying racial nas escolas

O questionário que se segue encontra-se integrado numa investigação de mestrado de Juceila Maria Rodrigues Lima, da Universidade lusófona de Lisboa – Mestrada em Riscos e violência (s) nas sociedades atuais: Análise e Intervenção Social, sob a orientação da Prof. Doutora Hélia Bracons e tem como objetivo o estudo do Bullying Racial nas escolas em Portugal.

A elaboração deste questionário teve como finalidade ouvir os alunos em relação às suas experiências e vivências do quotidiano escolar para posteriormente analisar a prevalência do bullying racial e assim contribuir para identificar diferentes estratégias para combater o bullying.

Por favor, tente responder a todas as questões. A maioria delas pode ser respondida meramente assinalando ou fazendo um círculo na melhor alternativa, outras requerem uma breve resposta escrita. Pedimos-lhe para que leia atentamente as instruções dadas. Lembramos-lhe de que as suas respostas serão confidenciais e que não existem respostas certas ou erradas. A sua participação é voluntária, sendo assegurado o anonimato dos seus dados pessoais e das suas respostas. Se determinada questão não se aplicar à sua situação, ou se não souber como responder, ou ainda se a questão lhe levantar objeções, indique-o, escrevendo depois da questão.

Desde já agradecemos a sua disponibilidade e colaboração no nosso estudo.

Dados Demográficos

1. Género

Feminino

Masculino

2. Idade: _____

3. Ano de Escolaridade: _____

4. Naturalidade _____

5. Nacionalidade _____

5. Turma: _____

6. Com quem vives: _____

7. Encarregado/a de Educação:

Pai _____

Mãe _____

Outro Familiar _____

8. Como é a convivência na tua escola?

• Boa

• Razoável

• Mau

9. Existe algum tipo de conflito na tua escola?

• Sim

• Não

• Por vezes

10. Você já notou algum conflito entre alguns alunos da sua turma?

- Sim
- Não
- Por vezes

11. Conhece alguém que foi agredido ou insultado a qualquer momento por um colega ou aluno?

- Sim
- Não

12. Você sabe o que é bullying? poderia me dar um exemplo?

13. Alguma vez foste vítima de bullying devido a cor da tua pele na tua escola?

- Sim
- Não

11. Se for sim, quais os tipos de bullying que sofreste na escola?

- Física / Bater, dar pontapés, empurrar, puxar o cabelo, etc
- Verbal/ Gozar, chamar nomes, (preto/a/ branco/a) insultar, criticar a aparência do colega etc
- Psicológica/ Extorsão, ameaçar gestualmente, chantagear, etc
- Relacional/ Dizer a colega que ele não pode brincar com eles, afirmar ao colega não ser amigo dele, evitar ou ignorar o colega.
- Cyberbullying /receber mensagens de texto, chamadas telefónicas) ou através da internet (emails, fotografias ou videoclips).

12. Com que frequência/semana ocorreu esses episódios de bullying racial na tua escola?

- uma vez;
- de 2 a 3 vezes
- de 4 a 10 vezes;

- mais de 10 vezes.

13. Como você se sentiu.?

- Humilhado
- Envergonhado
- Raiva
- Culpado
- Desesperado
- Impotente
- Não sentiu nada

14. Com quem falou primeiro sobre esses episódios de bullying na tua escola?

- Colegas
- Professores
- Diretor (a)
- Outros (Assistente Social, psicóloga, etc)

15. Em que espaço físico da tua escola aconteceu estes episódios do bullying?

- Na sala
- No recreio
- Corredores/Escadas
- Wc
- Durante aula de educação física
- Saída da escola

16. Sentiste prejudicada ou durante estes episódios de bullying, tiveste baixo rendimento escolar?

- Sim
- Não

17. Pensaste em possibilidade de desistir da escola?

- Sim
- Não
- Por vezes

18. Achas que afetou o teu relacionamento com os outros colegas da tua escola?

- Sim
- Não
- Raramente

19. Que consequências você acha que o bullying pode ter para a pessoa que sofre?

20. Sentiste apoiado pelos teus colegas?

2.1 Como reagiu os Professores e diretores da tua escola?

22. Na tua opinião quem pratica mais o bullying?

23. Quem são as vítimas?

24. Por que isso acontece?

25. O que a escola faz para tratar esses casos?

26. Chegaste a falar com os teus pais?

27. Como eles reagiram?

28. Achas que esses casos estão aumentando ou diminuindo?

29. Na tua opinião achas que a tua escola está preparada para lidar com as situações de bullying racial?

- Sim

- Não

30. Se a resposta for não, poderias indicar algumas estratégias de combate ao bullying racial nas escolas?

Apêndice II - Entrevista sobre o Bullying Racial nas Escolas: a Importância de Implementação de Práticas Sociais como forma de Prevenção

Entrevista

A entrevista que se segue encontra-se integrado numa investigação de mestrado de Juceila Maria Rodrigues Lima, da Universidade lusófona de Lisboa – Mestrada em Riscos e violência (s) nas sociedades atuais: Análise e Intervenção Social, sob a orientação da Prof. Doutora Hélia Bracons, e a investigação foca essencialmente na problemática do bullying racial nas escolas entre os pares, é neste sentido que decidimos realizar uma entrevista a alguns elementos da academia do Johnson com vista a perceber melhor a relação destes com a problemática.

Desde já agradecemos a sua disponibilidade e colaboração no nosso estudo

Como Técnica da Academia:

- Acha está temática “bullying racial” atual ?
- É frequente no seu trabalho lidar com situações em que uma criança relata episódios de bullying sofrido na escola devido a cor da sua pele ?
- Como que ela se sintui? E como tentaste ajuda-la?
- Como reage os outros colegas?
- Na sua opinião o que leva os agressores a praticar o Bullying racial?
- Quem são as vítimas?
- Quais as causas para a prática desta temática?
- Quais as consequências para a vítima?
- De que modo esta problématique afeta o percurso escolar do aluno?
- Em que é que consiste o trabalho de uma técnica para combater ou evitar esta problemática
- Como é que determinados agentes sociais como a Escola ou a Família podem influenciar na questão do Bullying?

- E os pais? Em que medida os pais podem intervir para esta problemática
- Qual é o trabalho que deve ser feito para ajudar a ultrapassar este fenómeno?

Apêndice III - transcrição da entrevista sobre o Bullying Racial nas Escolas: a Importância de Implementação de Práticas Sociais como forma de Prevenção

Entrevistado: Presidente:

Alcunha: ---

Sexo- M Idade -50 Anos

Habilitações Académicos- 12º Ano de Escolaridade

Profissão – Fundador e Presidente da Academia do Jonhson

Data: 6 de maio de 2022

Hora: 16:00h

Local: Bairro do Zambujal

Entrevistadora: 1- Acha está temática bullying racial atual?

De uma forma geral acho que é um tema atual, importantíssimo e que de acordo com o meu ponto de vista não deveria apenas falar do bullying racial entre os colegas, já que é do conhecimento de todos que este tipo de violência acontece entre os miúdos, portanto é altura de arranjar mecanismo dentro do próprio sistema escolar e das várias organizações, instituições e associações para trabalhar este tipo de violência que muitas vezes acontece em silêncio e que só damos conta quando a situação já esta fora do controlo, porque muitas vezes a criança não comunica com os pais, e se nos os agentes da educação não estivermos atentos e tentar ler e perceber os sinais que eles dão, lá esta, só quando acontece algo inesperado que todos começa a reagir acusando uns aos outros de falta de políticas severas nas escolas.

Entrevistadora: 2- Como Presidente da Associação é frequente no seu trabalho lidar com situações em que uma criança relata episódios de bullying sofrido na escola devido a cor da sua pele?

Entrevistado: Sim, muitas vezes e não só entre as crianças, mas também estes tipos de situações acontece no futebol, um exemplo, quando vamos jogar a bola com outras equipas intercambio que as crianças costuma participar, e da bancada uma mãe ou um pai grita não deixa o preto jogar mas que tu, independentemente da idade a criança percebe e tem a consciência que foi vítima de um ato de racismo e claro que isso gera um revolta uma frustração e tanta que a criança para se defender eles agridem uns aos outros.

Entrevistadora: 3- Como é que sentes e qual a mensagem que se deve passar a esta criança ou para o jovem?

Entrevistado: Fico muito triste ver pessoas, pais com este tipo de atitude, em relação a criança tentamos acalmá-lo, e chamar-lhe a razão que não é a cor da sua pele que o define e que existe várias maneiras de resolver situações sem ter que usar a violência. Ele é muito mais do que isto.

Entrevistadora: 4- Como é que há academia do Jonhson faz a diferença na vida das crianças e dos jovens?

Entrevistado: Eu passei por isso, tive uma experiência traumática, fugiu de casa, fui menino de rua o meu percurso pautou-se em criminalidade e pela toxicodpendência, cumpri dez anos de prisão, mas após tratamentos de desintoxicação e a estadia em duas comunidades terapêuticas, mudei definitivamente de vida, tirei o 12.º ano e em Abril de 2014 nasceu á Academia do Johnson que faz a diferença na vida daqueles por quem passa, apostei na minha experiência de vida para atuar na prevenção de situações de risco de jovens que vivem em bairros problemáticos de Lisboa, o nosso trabalho aqui é um trabalho de valorização e de potencializar as crianças.

Entrevistadora: 5- Achas que as crianças e jovens negras tem a mesma oportunidade a nível académico em Portugal em relação as outras crianças?

Entrevistado/a claro que não, mas isso depende de vários fatores, as crianças passam por muitas coisas e para defender agem por impulso, perante isto são vistos como crianças agressivas, tanto pelos colegas como pelo corpo docente da escola, claro que isso dificulta o seu desempenho a nível escolar, a falta do acompanhamento escolar, os desvios, as condições sócias económicas das famílias, o abandono, a desmotivação são alguns fatores que determina o insucesso escolar desses alunos.

Entrevistadora: 6- Essa criança pode dizer que sente acolhidas na escola ou no meio da sociedade?

Entrevistado/a a criança sente-se acolhidos, agora o próprio sistema é que não esta bem, o grande problema da escola é o corpo docente da escola, são professores que não tem qualificação nenhuma, falta-os sensibilidade, e paciência. Sabes que a paciência é algo que se adquire, mas cada um tem a sua maneira de lidar com pessoas, alguns acham que não passa apenas de brincadeiras de crianças, e não dão tanta importância ao assunto para

chegar a uma resolução, e maioria dos pais que procuram a escola para falar do filho, acabam sempre em desentendimentos com os professores, e com os pais das outras crianças, é isso que complica mais. A falta de mais informação e formação para todos. Na minha opinião acha que todo o sistema escolar e as famílias precisa de mais mecanismo e ferramentas para lidar com as situações. A família precisa de ser trabalhada mais, e é lá que esta toda a entrelinha porque se as crianças não tiverem bases, valores primordiais de convivência e de boas condutas em casa a sua inclusão na escola e na sociedade fica comprometida.

Entrevistadora: 7-De que modo os episódios de bullying racial afeta o percurso escolar do aluno? Como fica o seu futuro?

Entrevistado: É triste dizer isso, mas todas as quintas-feiras fazemos sessão de reflexão sobre diversos temas considerados importantes para eles, e recentemente falamos sobre o bullying. Houve uma criança de nove anos que chamou-me atenção ao dizer que não quer ir mais a escola, e questionado o porquê, ele disse que não quer ser gozado, chamaram-lhe de cor de coco e insultaram a mãe dele, é uma criança que apresenta crise de ansiedade, inventa que esta doente só para não ir a escola, e eu como pai e educador preocupa-me imenso com isso porque não vejo a escola preparada para dar respostas a esses casos, os professores falam o mesmo, que vão falar com os pais destas crianças e que vão falar com os alunos na sua de aula e se não houver uma mudança a escola vão tomar medidas.

Entrevistadora: 8-Como podemos ajudar uma criança a ultrapassar a situação?

Entrevistado/a: Resgatar a motivação das crianças não é fácil, mas nós na academia tentamos sempre acompanhar os casos, contactamos sempre a escola, a nossa preocupação é sempre conversar com a criança para tentar entender com foi o dia na escola, e se voltaram a incomodar, muita dessas crianças não comunica com os pais somos nós a fazer, numa tentativa de juntos traçar o caminho para apoiar a criança. Mas temos atividades que eles gostam muito de praticar como o futebol, caraté, corridas, tentamos sempre mantê-los distraídos. Nesse momento a psicóloga esta de licença, mas damos o nosso jeito para acompanhar as crianças.

Entrevistadora: 9- Qual é a vossa pior dificuldade que enfrenta na vossa

Associação.

Entrevistado: Não temos recursos humanos suficientes, falta-nos profissionais da área social, déficit em recursos materiais para desenvolver mais atividades juntos desses jovens, mais parceiros, somos uma associação não governamental

Apêndice IV – Grelha de Análise de Conteúdo

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Perfil dos Entrevistados	Dados pessoais	Presidente
	Habilitações	12º ano
	Experiência Profissional	8 anos
	Formação	-
Perfil da Instituição	Recursos Humanos	Técnicos/Monitores e Voluntários
	Perfil das vítimas	Crianças e jovens
	Problemática do bullying racial nas escolas	<p>1-Acha está temática bullying racial atual? De uma forma geral acho que é um tema atual, importantíssimo e que de acordo com o meu ponto de vista não deveria apenas falar do bullying racial entre os colegas, já que é do conhecimento de todos que este tipo de violência acontece entre os miúdos, portanto é altura de arranjar mecanismo dentro do próprio sistema escolar e das várias organizações, instituições e associações para trabalhar este tipo de violência que muitas vezes acontece em silêncio e que só damos conta quando a situação já esta fora do controlo, porque muitas vezes as crianças não comunica com os pais, e se nos os agentes da educação não estivermos atentos e tentar ler e perceber os sinais que eles dão, lá esta, só quando acontece algo inesperado que todos começa a reagir acusando uns aos outros de falta de políticas severas nas escolas.</p> <p>2- Como Presidente da Associação é frequente no seu trabalho lidar com situações em que uma criança relata episódios de bullying sofrido na escola devido a cor da sua pele? Sim, muitas vezes e não só entre as crianças, mas também estes tipos de situações acontece no futebol, um exemplo, quando vamos jogar a bola com outras equipas intercambio que as crianças costuma participar, e da bancada uma mãe ou um pai grita não deixa o preto jogar mas que tu, independentemente da idade a criança percebe e tem a consciência que foi vítima de um ato de racismo e claro que isso gera um revolta uma frustração e</p>

	<p>tanta que a criança para se defender eles agredem uns aos outros.</p> <p>3-Como é que sentes e qual a mensagem que se deve passar a esta criança ou para o jovem?</p> <p>Fico muito triste ver pessoas, pais com este tipo de atitude, em relação a criança tentamos acalmá-lo, e chamar-lhe a razão que não é a cor da sua pele que o define e que existe várias maneiras de resolver situações sem ter que usar a violência. Ele é muito mais do que isto.</p> <p>4- Como é que há academia do Jonhson faz a diferença na vida das crianças e dos jovens?</p> <p>Eu passei por isso, tive uma experiência traumática, fugiu de casa, fui menino de rua o meu percurso pautou-se em criminalidade e pela toxicoddependência, cumpri dez anos de prisão, mas após tratamentos de desintoxicação e a estadia em duas comunidades terapêuticas, mudei definitivamente de vida, tirei o 12.º ano e em Abril de 2014 nasceu á Academia do Johnson que faz a diferença na vida daqueles por quem passa, apostei na minha experiência de vida para atuar na prevenção de situações de risco de jovens que vivem em bairros problemáticos de Lisboa, o nosso trabalho aqui é um trabalho de valorização e de potencializar as crianças.</p> <p>5- Achas que as crianças e jovens negras tem a mesma oportunidade a nível académico em Portugal em relação as outras crianças?</p> <p>claro que não, mas isso depende de vários fatores, as crianças passam por muitas coisas e para defender agem por impulso, perante isto são vistos como crianças agressivas, tanto pelos colegas como pelo corpo docente da escola, claro que isso dificulta o seu desempenho a nível escolar, a falta do acompanhamento escolar, os desvios, as condições sócias económicas das famílias, o abandono, a desmotivação são alguns fatores que determina o insucesso escolar desses alunos.</p> <p>6- Essa criança pode dizer que sente</p>
--	---

		<p>acolhidas na escola ou no meio da sociedade?</p> <p>A criança sente-se acolhidos, agora o próprio sistema é que não esta bem, o grande problema da escola é o corpo docente da escola, são professores que não tem qualificação nenhuma, falta-os sensibilidade, e paciência. Sabes que a paciência é algo que se adquire, mas cada um tem a sua maneira de lidar com pessoas, alguns acham que não passa apenas de brincadeiras de crianças, e não dão tanta importância ao assunto para chegar a uma resolução, e maioria dos pais que procuram a escola para falar do filho, acabam sempre em desentendimentos com os professores, e com os pais das outras crianças, é isso que complica mais. A falta de mais informação e formação para todos. Na minha opinião acha que todo o sistema escolar e as famílias precisa de mais mecanismo e ferramentas para lidar com as situações. A família precisa de ser trabalhada mais, e é lá que esta toda a entrelinha porque se as crianças não tiverem bases, valores primordiais de convivência e de boas condutas em casa a sua inclusão na escola e na sociedade fica comprometida.</p> <p>7-De que modo os episódios de bullying racial afeta o percurso escolar do aluno? Como fica o seu futuro?</p> <p>É triste dizer isso, mas todas as quintas-feiras fazemos sessão de reflexão sobre diversos temas considerados importantes para eles, e recentemente falamos sobre o bullying. Houve uma criança de nove anos que chamou-me atenção ao dizer que não quer ir mais a escola, e questionado o porquê, ele disse que não quer ser gozado, chamaram-lhe de cor de coco e insultaram a mãe dele, é uma criança que apresenta crise de ansiedade, inventa que esta doente só para não ir a escola, e eu como pai e educador preocupa-me imenso com isso porque não vejo a escola preparada para dar respostas a esses casos, os professores falam o mesmo, que vão falar com os pais destas crianças e que vão falar com</p>
--	--	--

		<p>os alunos na sua de aula e se não houver uma mudança a escola vão tomar medidas.</p> <p>8-Como podemos ajudar uma criança a ultrapassar a situação?</p> <p>Entrevistado/a: Resgatar a motivação das crianças não é fácil, mas nós na academia tentamos sempre acompanhar os casos, contactamos sempre a escola, a nossa preocupação é sempre conversar com a criança para tentar entender com foi o dia na escola, e se voltaram a incomodar, muita dessas crianças não comunica com os pais somos nós a fazer, numa tentativa de juntos traçar o caminho para apoiar a criança. Mas temos atividades que eles gostam muito de praticar como o futebol, caraté, corridas, tentamos sempre mantê-los distraídos. Nesse momento a psicóloga esta de licença, mas damos o nosso jeito para acompanhar as crianças.</p> <p>9- Qual é a vossa pior dificuldade que enfrenta na vossa Associação.</p> <p>Não temos recursos humanos suficientes, falta-nos profissionais da área social, défice em recursos materiais para desenvolver mais atividades juntos desses jovens, mais parceiros, somos uma associação não governamental</p>
--	--	--

Apêndice V - transcrição da entrevista sobre o Bullying Racial nas Escolas: a Importância de Implementação de Práticas Sociais como forma de Prevenção

Entrevistado: Gestora da IPSS

Técnica da Administração da Academia:

Sexo ___Feminino___

Idade ___34___

Habilitações Académicos ___12º Ano___

Profissão ___Gestora em Meio Ambiente___

Tempo de permanência na Academia ___4 anos___

1- Acha está temática “bullying racial” atual ?

Não, está temática é antiga e ao longo dos anos, décadas etc.. apenas tem seu nome alterado, pois em essência é a mesma agressão.

2- É frequente no seu trabalho lidar com situações em que uma criança relata episódios de bullying sofrido na escola devido a cor da sua pele ?

Não é frequente ter que lidar com situações de relato de bullying no meu ambiente de trabalho derivados á cor da pele. Infelizmente algumas crianças já vêm como algo corriqueiro no seu dia a dia.

2- Como que ela se sintui? E como tentaste ajuda-la?

Desmotivada, triste e diminuída em relação aos demais. Tentei ajudar fazendo-o perceber que as diferenças fazem parte do cotidiano de todos e que cor da pele não define quem ela/ele é. Que as ações, o saber estar e saber ser são de fato o quê irá determinar seu futuro.

3- Como reage os outros colegas?

Os demais colegas em sua maioria partilham da mesma dor que o colega que sofreu o bullying, uma vez que já passaram por isto também.

4- Na sua opinião o que leva os agressores a praticar o Bullying racial?

O bullying racial é algo cultural e está enraizado na sociedade, os ciclos dos “agressores” repetem-se gerações após gerações, alguns os praticam sem a consciência daquilo que estão a fazer.

5- Quem são as vítimas?

As vitimas dependem essencialmente do contexto onde estão inseridas. Entendo que não há uma tipologia definida.

6- Quais as causas para a prática desta temática?

Ela surge de uma crença equivocada ou erudito de que certos grupos de pessoas merecem ser tratados de forma diferente ou com menos respeito.

7- Quais as consequências para a vítima?

Este tipo de bullying pode desencadear consequências psicológicas como depressões, ansiedade, sentimento de inferioridade, assim como também pode desencadear crimes de ódio.

8- De que modo esta problemática afeta o percurso escolar do aluno?

O aluno ao sentir que está aparte dentro da comunidade escolar tem tendência a isolar-se podendo com isto desenvolver sentimentos de revolta, depressões etc.

9- Em que é que consiste o trabalho de uma técnica para combater ou evitar esta Problemática?

O trabalho de uma técnica no combate ao bullying racial passa pela conscientização, incentivo ao autoconhecimento e autovalorização do indivíduo. Assim como a valorização das pluriculturalidade.

10- Como é que determinados agentes sociais como a Escola ou a Família podem influenciar na questão do Bullying?

A escola e a família ambos têm papel fundamental no tocante a esta temática, uma vez que são agentes formadores da nossa sociedade. Estes devem estar atentos a todos os sinais vindos dos menores sob sua responsabilidade, devem denunciar situações sempre que as verificarem. A família como seio da formação da ética e valores de um cidadão deve basear sua educação no respeito ao próximo e suas diferenças.

11- E os pais? Em que medida os pais podem intervir para esta problemática.

Os pais podem e devem intervir em todos os níveis e medidas, quer seja no papel de pai de agredido ou agressor. É na família que normalmente dá-se a origem do desenvolvimento do preconceito racial.

12- Qual é o trabalho que deve ser feito para ajudar a ultrapassar este fenómeno?

O trabalho a ser feito é estrutural e com toda a sociedade. Só assim poderemos pensar em solução para esta temática.

Apêndice VI - Grelha de Análise de Conteúdo

Categories	Subcategorias	Unidades de Registo
	Habilitações	12 ano
Perfil do Entrevistado	Dados pessoais	Gestora da IPSS
	Experiência Profissional	8 anos de experiência com crianças e jovens em risco.
Perfil da Instituição	Recursos Humanos	Técnicos/Monitores e Voluntários
Problemática do bullying racial nas escolas	Perfil das crianças e jovens	
		<p>1-Acha está temática bullying racial atual? Não, está temática é antiga e ao longo dos anos, décadas etc.. apenas tem seu nome alterado, pois em essência é a mesma agressão.</p> <p>2- É frequente no seu trabalho lidar com situações em que uma criança relata episódios de bullying sofrido na escola devido a cor da sua pele ? Não é frequente ter que lidar com situações de relato de bullying no meu ambiente de trabalho derivados á cor da pele. Infelizmente algumas crianças já vêm como algo corriqueiro no seu dia a dia.</p>
		<p>3-Como reage os outros colegas? Os demais colegas em sua maioria partilham da mesma dor que o colega que sofreu o bullying, uma vez que já passaram por isto também.</p> <p>4- Na sua opinião o que leva os agressores a praticar o Bullying racial? O bullying racial é algo cultural e está enraizado na sociedade, os ciclos dos “agressores” repetem-se gerações após gerações, alguns os praticam sem a consciência daquilo que estão a fazer.</p>

		<p>5-Quem são as vítimas? As vítimas dependem essencialmente do contexto onde estão inseridas. Entendo que não há uma tipologia definida.</p>
		<p>6-Quais as causas para a prática desta temática? Ela surge de uma crença equivocada ou erudito de que certos grupos de pessoas merecem ser tratados de forma diferente ou com menos respeito.</p>
		<p>7-Quais as consequências para a vítima? Este tipo de bullying pode desencadear consequências psicológicas como depressões, ansiedade, sentimento de inferioridade, assim como também pode desencadear crimes de ódio.</p> <p>8-De que modo esta problemática afeta o percurso escolar do aluno? O aluno ao sentir que esta aparte dentro da comunidade escolar tem tendência a isolar-se podendo com isto desenvolver sentimentos de revolta, depressões etc.</p> <p>9- Em que é que consiste o trabalho de uma técnica para combater ou evitar esta Problemática? O trabalho de uma técnica no combate ao bullying racial passa pela conscientização, incentivo ao autoconhecimento e autovalorização do indivíduo. Assim como a valorização das pluriculturalidade.</p> <p>10- Como é que determinados agentes sociais como a Escola ou a Família podem influenciar na questão do Bullying? A escola e a família ambos tem papel fundamental no tocante a esta temática, uma vez que são agentes formadores da nossa sociedade. Estes devem estar atentos a todos os sinais vindos dos menores sob sua responsabilidade, devem denunciar situações sempre que as verificarem. A família como seio da formação da ética e valores de um</p>

		<p>cidadão deve basear sua educação no respeito ao próximo e suas diferenças.</p> <p>11- E os pais? Em que medida os pais podem intervir para esta problemática.</p> <p>Os pais podem e devem intervir em todos os níveis e medidas, quer seja no papel de pai de agredido ou agressor. É na família que normalmente da-se a origem do desenvolvimento do preconceito racial.</p> <p>12- Qual é o trabalho que deve ser feito para ajudar a ultrapassar este fenómeno?</p> <p>O trabalho a ser feito é estrutural e com toda a sociedade. Só assim poderemos pensar em solução para esta temática.</p>
--	--	--

Apêndice VII - Transcrição da entrevista sobre o Bullying Racial nas Escolas: a Importância de Implementação de Práticas Sociais como forma de Prevenção

Entrevista

A entrevista que se segue encontra-se integrado numa investigação de mestrado de Juceila Maria Rodrigues Lima, da Universidade Lusófona de Lisboa – Mestrada em Riscos e violência (s) nas sociedades atuais: Análise e Intervenção Social, sob a orientação da Prof. Doutora Hélia Bracons, e a investigação foca essencialmente na problemática do bullying racial e ou étnicas nas escolas entre as pares, é neste sentido que decidimos realizar uma entrevista a alguns elementos da academia do Johnson com vista a perceber melhor a relação destes com a problemática.

Desde já agradecemos a sua disponibilidade e colaboração no nosso estudo

Entrevistado: Monitora

Sexo- F

Habilitações Académicos- 11º Ano de Escolaridade

Idade: 20

Profissão – Monitora/estudante

Data: 6 de maio de 2022

Hora: 16:00h

Local: Bairro do Zambujal

- **Entrevistadora: Acha está temática “bullying racial” atual ?**

Entrevistada: É muito importante visto que é um problema que afeta as crianças e jovens e não só, afeta também toda a família, temos alguns pais que chegam aqui revoltados perdidos e não sabe o que fazer, por isso acho que devem trabalhar esta problemática e criar soluções logo para evitar danos na vida dessas crianças.

- **Entrevistadora: De que modo o bullying racial afeta o percurso escolar do aluno?**

Entrevistada: Estão constantemente com medo, são inseguros, angustiados e isso pode afastar o aluno da escola. Isso tem grandes chances de resultar não só na queda de rendimento, mas também no próprio abandono escolar.

- **Entrevistadora: Quais os traumas que o bullying racial pode causar nas**

vítimas?

Entrevistada: Problemas de ansiedade, desmotivação, o choram constante, insónias, pesadelos, e o simples ato de ir à escola passa a gerar um estresse tão elevado que a vítima de bullying pode sentir dores de cabeça, no estômago e ou ter tontura, e com o tempo, doenças mais graves podem se desenvolver, como distúrbios alimentares e gastrite.

- **Entrevistadora: Em que é que consiste o trabalho de uma técnica para combater ou evitar esta problemática**

Entrevistada: No primeiro ato é sempre intervir e prestar apoio a vítima, conversando, incentivarmos sempre a comunicação entre as crianças porque tudo se resolve com dialógio, e faze-lo entender que cada individuo tem as suas características próprias e que somos todos iguais e diferentes ao mesmo tempo, incentivar a empatia.

- **Entrevistadora: Que consequência isso poderá ter na vida futura dessas crianças?**

Entrevistada: O bullying traz graves consequências a nível emocional e psicológicas para as vítimas, principalmente quando a intervenção demora a chegar, nem sempre conseguimos identificar logo a situação, e as crianças maioria das vezes optam por ficar em silêncio, e isso gera muito sofrimento e muita tristeza para as crianças, os laços de amizade e com a família podem ficar abalados, ser frequentemente agredido e humilhado tem influência sobre a autoestima do estudante que é alvo de bullying, apresenta sempre desmotivados, não querem mais sair de casa, não estuda e as vezes situações mais graves como o suicídio.

- **Entrevistadora: Identificar os fatores que estão na origem do fenómeno bullying na sua perspetiva.**

Entrevistada: Facilidade de acesso às redes sociais é um fator preponderante para o aumento desse mau comportamento social.

Falta de fiscalização, disciplina, autoridade por parte dos pais.

Apêndice VIII – Grelha de Análise de Conteúdos

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Perfil dos Entrevistados	Dados pessoais	Monitora:
	Habilitações	11º ano
	Experiência Profissional	2 anos
	Formação	Monitora
Perfil da Instituição	Recursos Humanos	Monitora
	Perfil das vítimas	Crianças e jovens
	Problemática do bullying racial nas escolas	Acha está temática “bullying racial” atual ? É muito importante visto que é um problema que afeta as crianças e jovens e não só, afeta também toda a família, temos alguns pais que chegam aqui revoltados perdidos e não sabe o que fazer, por isso acho que devem trabalhar esta problemática e criar soluções logo para evitar danos na vida dessas crianças. 2- De que modo o bullying racial afeta o percurso escolar do aluno? Estão constantemente com medo, são inseguros, angustiados e isso pode afastar o aluno da escola. Isso tem grandes chances de resultar não só na queda de rendimento, mas também no próprio abandono escolar. 3-Quais os traumas que o bullying racial pode causar nas

		<p>vítimas?</p> <p>Problemas de ansiedade, desmotivação, o choram constante, insónias, pesadelos, e o simples ato de ir à escola passa a gerar um estresse tão elevado que a vítima de bullying pode sentir dores de cabeça, no estômago e ou ter tontura, e com o tempo, doenças mais graves podem se desenvolver, como distúrbios alimentares e gastrite.</p> <p>4-Em que é que consiste o trabalho de uma técnica para combater ou evitar esta problemática?</p> <p>No primeiro ato é sempre intervir e prestar apoio a vítima, conversando, incentivarmos sempre a comunicação entre as crianças porque tudo se resolve com diálogo, e faze-lo entender que cada individuo tem as suas características próprias e que somos todos iguais e diferentes ao mesmo tempo, incentivar a empatia.</p> <p>5-Que consequência isso poderá ter na vida futura dessas crianças?</p> <p>O bullying traz graves consequências a nível emocional e psicológicas para as vítimas, principalmente quando a intervenção demora a chegar, nem sempre conseguimos identificar logo a situação, e as crianças maioria das vezes optam por ficar em silêncio, e isso gera muito sofrimento e muita tristeza para as crianças, os laços de amizade e com a família podem ficar</p>
--	--	--

		<p>abalados, ser frequentemente agredido e humilhado tem influência sobre a autoestima do estudante que é alvo de bullying, apresenta sempre desmotivados, não querem mais sair de casa, não estuda e as vezes situações mais graves como o suicídio.</p> <p>6- Identificar os fatores que estão na origem do fenómeno bullying na sua perspectiva. Facilidade de acesso às redes sociais é um fator preponderante para o aumento desse mau comportamento social.</p> <p>Falta de fiscalização, disciplina, autoridade por parte dos pais.</p>
--	--	--

Apêndice IX- Transcrição da Entrevista sobre o Bullying Racial nas Escolas: a Importância de Implementação de Práticas Sociais como forma de Prevenção

Entrevista

A entrevista que se segue encontra-se integrado numa investigação de mestrado de Juceila Maria Rodrigues Lima, da Universidade Lusófona de Lisboa – Mestrada em Riscos e Violência (s) nas sociedades atuais: Análise e Intervenção Social, sob a orientação da Prof. Doutora Hélia Bracons, e a investigação foca essencialmente na problemática do bullying racial e ou étnicas nas escolas entre as pares, é neste sentido que decidimos realizar uma entrevista a alguns elementos da academia do Johnson com vista a perceber melhor a relação destes com a problemática.

Desde já agradecemos a sua disponibilidade e colaboração no nosso estudo

Como Monitor:

Idade 18

Habilitações Académicas 10º ano

Profissão Monitor

Sexo Masculino

- **Entrevistadora:** Acha está temática “bullying racial” atual ?

Entrevistado: Sim é um tema atual e deve -se falar sempre, e não só falar a que tomar medidas de prevenção no combate ao bullying para evitar mais casos e sofrimentos.

2-Entrevistadora: De que modo o bullying racial afeta o percurso escolar do aluno?

Entrevistada: As crianças vítimas de bullying sentem invergonhados e humilhados e inventa uma serie de doenças para não ir a escola, e no final tem notas baixas, fraco desenvolvimento escolar o que leva a desistência escolar.

3-Entrevistadora: Quais os traumas que o bullying racial pode causar nas vítimas?

Entrevistado: Ansiedade, stress, sintomas psicossomáticos, baixa auto-estima, depressão e até mesmo cegando as últimas consequências o suicídio.

Entrevistadora: 4- Em que é que consiste o trabalho de uma técnica para combater ou evitar esta problemática? **Entrevistado:** Incentivar a solidariedade, a empatia, generosidade e o respeito às diferenças por meio de conversas. Tentar a ajudá-lo a aumentar a sua autoestima.

5- Entrevistadora: Que consequência isso poderá ter na vida futura dessas crianças?

Entrevistado: O aluno que sofre bullying, principalmente quando não pede ajuda, enfrenta medo e vergonha de ir à escola. Pode querer abandonar os estudos, não se achar bom para integrar o grupo e apresentar baixo rendimento escolar. E as vezes as vítimas que sofrem o bullying em alguns casos com o passar do tempo, ela poderá a ter pensamento de vingança e de suicídio, comportamentos agressivos e violentos que são prejudiciais a ele próprio ou até a sociedade.

6-Entrevistadora: Identificar os fatores que estão na origem do fenómeno bullying na perspectiva do aluno. **Entrevistado:** Tecnologias mais presente, e tudo permitido pelos os pais.

Anexos

Anexo I- História da Associação

WEBSITE OFICIAL



ACADEMIA DO JOHNSON



ASSOCIAÇÃO ACADEMIA
JOHNSON

HISTÓRIA

A Associação Academia do Johnson é o resultado da perseverança e dos ensinamentos que a vida deu a João Semedo, mais conhecido por Johnson. Nascido na Cova da Moura, Johnson teve um percurso de vida muito duro e adverso, com alguns comportamentos desviantes que o levaram inclusivamente a ficar recluso em estabelecimentos prisionais. Após ter mudado a sua vida há mais de dez anos atrás, o Johnson tem-se focado em aplicar a sua experiência pessoal de forma a prevenir situações de risco para outros jovens em situações precárias. (hyperlink para vídeo sobre a história do Johnson) Foi em 2014 que surgiu a oportunidade de abrir a sua própria Associação, de forma a focar-se nos jovens dos mais variados bairros na zona da Amadora, Cova da Moura, Buraca e Boavista. Graças ao desporto e à influência positiva que o Johnson tem sobre as equipas com quem trabalha, estes jovens têm conseguido o reconhecimento entre pares, mas também têm interiorizado valores de cidadania que lhes abrem novos horizontes e os podem levar mais longe como pessoas.

Quem somos...

A Academia do Johnson é uma organização não governamental, localizada no Bairro do Zambujal, que tem como objetivo a promoção do desenvolvimento humano e bem-estar, através do acompanhamento personalizado a crianças e jovens oriundos de meios familiares e sociais fragilizados, bem como às suas famílias veiculando valores humanistas, assentes nos princípios da justiça, equidade, liberdade, solidariedade e auto realização.

Anexo II – Objetivos e caracterização da Academia Johson

WEBSITE OFICIAL



ACADEMIA DO JOHNSON

**AJUDE COM
O SEU IRS**
A ACADEMIA DO JOHNSON

Destine **gratuitamente 0,5%**
dos seus impostos à
Academia do Johnson e ajude
as crianças da academia.

Preencha o campo 1101 do
modelo 3 com o NIF

513070427





ACADEMIA DO JOHNSON

SOBRE NÓS

Promover o desporto, o desenvolvimento e a integração social de jovens e crianças dos bairros da zona da Cova da Moura.

Porque o amanhã se constrói hoje, a Academia do Johnson aposta nos talentos dos jovens do bairro da Cova da Moura.

Através do Futsal, da dança e de outras actividades desportivas, cria equipas fortes e coesas para treinar também competências académicas e reforçar valores humanos.

O lema da Academia do Johnson é: somos aquilo que fazemos!

Promover a educação e os valores de cidadania na prevenção de situações de risco de crianças e jovens que vivem nos bairros da Amadora

[SABER MAIS](#)



ACADEMIA

" Ajude-nos a combater todas as formas de exclusão social
"

SABER MAIS



**Prevenir comportamentos de risco e
de delinquência juvenil**

- ACADEMIA DO -

Johnson



•
O seu donativo é fundamental. Muito obrigado.

Rua das Mães de Água 31-A - Bairro do Zambujal

2610-108 Amadora

Tel: + 351 210 137 370

Mail: academiadojohnson@gmail.com

Anexo III – Foto da “família” existente na Academia Johnson

Johnson

- ACADEMIA DO -

VISÃO , MISSÃO & VALORES

VISÃO

Ser uma instituição reconhecida pela envolvimento dos recursos e pelo serviço de excelência que presta ao nível da educação, do desporto e da juventude.

MISSÃO

Promover a educação e os valores de cidadania na prevenção de situações de risco de crianças e jovens que vivem nos bairros da Amadora.

VALORES

Justiça, equidade, liberdade, família, solidariedade e auto realização.



Os nossos objetivos...

Promover atividades e iniciativas de carácter sociocultural, educacional, desportivas e recreativas, que possibilitem a aprendizagem e o desenvolvimento integral da Pessoa e dos diferentes grupos humanos, numa estreita relação com o meio envolvente e os diferentes contextos de vida;

Promover o acompanhamento de Crianças e Jovens em idade escolar, através de tutorias educativas e do apoio ao estudo, estimulando o sucesso escolar e a sua inclusão social;

Promover a participação ativa e o exercício de uma cidadania partilhada e responsável

com forte orientação para o desenvolvimento da comunidade, fomentando o voluntariado e privilegiando o trabalho em rede, valorizando o estabelecimento de parcerias locais, nacionais e internacionais; Promover a inclusão social de Jovens reclusos e ex-reclusos, combatendo todas as formas de exclusão social; Trabalhar afetos, promovemos valores e operar em rede;

Fazer um acompanhamento psycho-social e educacional assíduo de cada jovem da Academia. O acompanhamento será feito através de uma plataforma virtual que deverá ser actualizada diariamente por um membro do staff;

Promover, em maior escala, o envolvimento familiar;

Promover o empowerment individual e coletivo reforçando os processos identitários na pessoa, na família e na comunidade;

Prevenir comportamentos de risco e de delinquência juvenil, bem como todas as formas de violência (família, namoro, conjugalidade, interpessoal...)

junta-te a nós
CONTACTO | INSCRIÇÃO

Gostas de ajudar? Queres apoio? A academia é para ti!

Junta-te a nós!
Rua das Mães de Água 31-A - Bairro do Zambujal
2610-108 Amadora

Tel: + 351 210 137

370 **Email:** academiadojohnson@gmail.com